

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
JONATHAS ELEUTÉRIO MILAGRE**

**O PENSAMENTO SITUACIONAL
NA FILOSOFIA DE ABRAHAM JOSHUA HESCHEL**

JUIZ DE FORA
2023

JONATHAS ELEUTÉRIO MILAGRE

**O PENSAMENTO SITUACIONAL
NA FILOSOFIA DE ABRAHAM JOSHUA HESCHEL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, como requisito parcial para à obtenção do título em Licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade

Juiz de Fora
2023

MILAGRE, Jonathas Eleutério. **O Pensamento Situacional na Filosofia de Abraham Joshua Heschel**. Trabalho de Conclusão, de Curso apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Graduação em Filosofia, do Centro Universitário Academia, realizado no 2º semestre de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade (UniAcademia)
Orientador

Prof. Me. Narcélio Ferreira de Lima (PUC Goiás)
Leitor

Profª. Dra. Mabel Salgado Pereira (UniAcademia)

Examinado em: 07/12/2023.

Dedico este trabalho, com imensa alegria à minha família amada que são sinal de Deus e minha vida, em especial a minha mãe Enedina, meu pai Valcir, minha irmã Jéssica, meu irmão Gustavo, meu querido sobrinho Henrique e meu amigo Narcélio Lima, por me possibilitarem reflexões profundas sobre a experiência humana.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder a vida e a capacidade reflexiva para realizar esta pesquisa.
À Diocese de Leopoldina, por contribuírem em minha formação humana e acadêmica, ajudando-me a ser pessoa inteira e integrada.

Aos meus pais, Enedina e Valcir, pela presença e o exemplo.

Aos meus irmãos, Jéssica e Gustavo por serem motivo de inspiração e orgulho.

Ao professor Dr. Altamir Celio de Andrade, por me orientar neste trabalho e por seu amor à Filosofia.

À coordenadora do curso, Profa Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles, pelo zelo com todos os alunos.

A todos os meus professores, desde o ensino fundamental ao universitário.

Ao meu diretor espiritual Padre Nilton Boni, CMF,

Aos reverendíssimos senhores padres Enio Marcos, Antônio Marcio, Bruno Raphael, Ramon, Ricardo, pelo incentivo.

Aos amigos, Alípio de Mattos Freitas, Narcélio Ferreira de Lima, Matheus Luiz Bernardo dos Santos, e William Germano Pereira pelo dom preciosíssimo da amizade.

Aos colegas de turma pelos quatro anos compartilhados.

A todos aqueles que, de alguma forma ou outra, me ajudaram a ser o que sou.

Querido Senhor, conceda-me a graça da admiração. Surpreenda-me, surpreenda-me, admire-me em cada fenda de teu universo. Cada dia me encanta com suas coisas maravilhosas sem conta. Não peço para ver o motivo de tudo: peço apenas para compartilhar a maravilha de tudo.

Abraham Joshua Heschel

RESUMO

Milagre, Jonathas Eleutério. **O Pensamento Situacional na Filosofia de Abraham Joshua Heschel**. 64 f. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2023.

O presente trabalho busca elucidar a ideia de **Pensamento Situacional** desenvolvida pelo filósofo e rabino Abraham Joshua Heschel (1907-1972). Por meio de sua tradição religiosa e envolvimento com a Toráh, o autor estabelece um método epistemológico chamado de Pensamento Situacional, uma forma de perceber a realidade que tem como horizonte a valorização da intuição, da memória, do *insight* e do envolvimento com o fenômeno, o que é anterior e complementar ao pensamento conceitual – que é racional e descritivo –. Todas essas questões estão presentes, de modo especial, na obra: **Deus em busca do Homem** (1975), na qual o filósofo busca esclarecer em que consiste tal forma de pensamento e como essa perspectiva é importante para os tempos hodiernos. É então que ele conclui que é através dos problemas pessoais de cada sujeito que o **Pensamento Situacional** se origina. São questões como batalhas, angústias, esperanças que o método de Heschel pretende tematizar. Na medida em que a pessoa busca desvendar os questionamentos mais relevantes em torno da sua existência, que para ele tem como pressuposto o amor de Deus que busca o ser humano, o **Pensamento Situacional** vai se tornando profícuo à existência e situação humana. Por fim, para o desenvolvimento do presente trabalho serão utilizadas, além da obra principal, algumas obras complementares numa pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo.

Palavras-chave: Heschel. Pensamento Situacional. Intuição. Insight. Pathos divino.

ABSTRACT

The present work seeks to elucidate the idea of Situational Thinking developed by the philosopher and rabbi Abraham Joshua Heschel (1907-1972). Through his religious tradition and involvement with the Torah, the author establishes an epistemological method called Situational Thinking, a way of perceiving reality that has as its horizon the valorization of intuition, memory, insight and involvement with the phenomenon, which is prior to and complementary to conceptual thinking – which is rational and descriptive –. All these questions are present, in a special way, in the work: *God in search of Man* (1975), in which the philosopher seeks to clarify what this form of thought consists of and how this perspective is important for today's times. It is then that he concludes that it is through the personal problems of each subject that Situational Thinking originates. These are issues such as battles, anxieties, hopes that Heschel's method intends to thematize. As the person seeks to unravel the most relevant questions surrounding their existence, which for them is presupposed by the love of God that seeks the human being, Situational Thinking becomes beneficial to human existence and situation. Finally, for the development of this work, in addition to the main work, some complementary works will be used in bibliographical research of a qualitative nature.

Keywords: Heschel. Situational Thinking. Intuition. *Insight*. Divine *Pathos*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ABRAHAM JOSHUA HESCHEL: AUTOR E OBRA	11
3 FUNDAMENTOS E CARACTERÍSTICAS DA FILOSOFIA DE ABRAHAM JOSHUA HESCHEL	23
3.1 ASPECTOS IMPORTANTES DA FILOSOFIA DO JUDAÍSMO.....	23
3.2 O PENSAMENTO SITUACIONAL.....	30
3.3 FENOMENOLOGIA HESCHELIANA	35
3.4 O QUE ME MANTEM VIVO É MINHA CAPACIDADE DE SER SURPREENDIDO: INSIGHT COMO ILUMINAÇÃO PARA RAZÃO	37
3.5 EVENTOS.....	40
3.6 CARACTERÍSTICAS DA FILOSOFIA HESCHELIANA.....	42
4 O CHAMADO À AÇÃO.....	46
4.1 <i>PATHOS</i> DIVINO E SIMPATIA	46
4.2 O PENSAMENTO SITUACIONAL DOS PROFETAS HEBREUS E O ATIVISMO DE HESCHEL	49
4.3 HUMANISMO, ÉTICA E CULTURA DA PAZ.....	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

Um dos principais motivos desta pesquisa origina-se, naturalmente, na esfera da experiência pessoal. Enquanto estudante de filosofia muito me inquietava as manifestações fenomenológicas e inúmeras situações vividas no decorrer do meu cotidiano, sobretudo acerca da crise existencial humana. Porém, muitas vezes, os instrumentos utilizados para compreender mais profundamente tais manifestações e acontecimentos eram insuficientes. Em diversos momentos nos deparamos com as limitações impostas por esta área, com isso percebemos a religião como fonte de conhecimento sobre a condição humana, exploramos à moda da filosofia da religião com o intuito de aprofundar este conhecimento.

Outra forte motivação é buscar compreender como o retorno a religião pode se dar a cada pessoa e tentar esclarecer certos aspectos da *teshuváh* (retorno), pela busca de sentido existencial. Neste itinerário, descobrimos na leitura emblemática do pensador judeu Abraham Joshua Heschel a reflexão para tais questões.

Na primeira seção apresentaremos alguns aspectos significantes da vida e a obra do filósofo. Utilizando-nos do método histórico bibliográfico, demonstraremos, também, seus pressupostos básicos, sua descendência hassídica, sua formação acadêmica, seu ativismo, os principais conceitos por ele trabalhados, bem como seu pressuposto teórico e sua sensibilidade para com os problemas humanos que alcança o universal.

Na segunda seção abordaremos os fundamentos e as características desenvolvidas por ele, bem como o conceito de Pensamento Situacional, já que tal conceito é central na compreensão do nosso objeto de pesquisa. Heschel iluminado pelo estudo da *Toráh* e de sua tradição religiosa, elabora um método epistemológico que se denomina **Pensamento Situacional**, que busca valorizar a intuição, o *insight*, o envolvimento com o fenômeno, ao lado do pensamento conceitual racional, descritivo, este último muito prezado pela filosofia ocidental (LIMA,2013).

Buscamos extrair também alguns temas essenciais para a delimitação do que Heschel traduz por **Pensamento Situacional** com suas devidas contribuições para o saber religioso em confronto com a religião moderna, pois sabemos que a filosofia ocidental é predominantemente marcada pela filosofia grega, na qual a racionalidade é seu principal objeto. Poderemos chegar, por fim, ao que o autor denomina de **Pensamento Situacional**, pois não é o mero sentimento ou pensamento que poderão

aliviar as tensões antigas e hodiernas entre o Homem e Deus, mas somente a ação baseada no discernimento e em uma experiência pessoal e coletiva.

Fechando a proposta do nosso trabalho, na terceira seção explanaremos o conceito de *pathos* divino e simpatia, seu ativismo e a importância dos profetas bíblicos no processo de humanização, já que, para Heschel, eles correspondem à personalidade corporativa da vivência e prática deste conceito. Verificaremos, ainda, as contribuições que o humanismo sagrado pode fornecer para os dias atuais a partir das experiências do pensador.

Para nós, esse trabalho é de suma importância pelo fato de sabermos da necessidade de entender a nós mesmos, nossas relações transcendental e interpessoal e as suas complexidades. Essa pesquisa, então, se propõe a ajudar a atualizar o pensamento deste filósofo que fora um dos maiores pensadores da renovação judaica de todos os tempos, e também, fornecer novas reflexões a respeito da justiça, contribuindo na humanização da sociedade atual e que para nós é de magna relevância.

2 ABRAHAM JOSHUA HESCHEL: O AUTOR E SUA OBRA

Deus me persegue em toda parte
Tecendo sua teia em torno de mim,
Brilhando sobre minhas costas/cegas como o Sol.

Deus me persegue como uma densa floresta.
E eu, totalmente maravilhado, sinto meus lábios emudecerem
Como uma criança vagando por um antigo santuário.

Abraham Joshua Heschel

Nota-se que ainda há pouca exploração e conhecimento dos estudos de Heschel na literatura brasileira. Uma de suas grandes contribuições quanto à filosofia da religião é propor resgatar alguns problemas esquecidos e elementos fundamentais à luz da experiência judaica.

No banco de teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), por exemplo, encontram-se algumas referências ao estudo de Heschel ligados a aspectos literários, mas, mesmo as análises do texto ainda estão subordinadas a uma aproximação mais teológica. Nessas teses, encontram-se abordados comparativamente temas como: 1) a **Cultura Judaica** e a formação da **Filosofia Judaica**; 2) a **Tradição Judaica** e as formas narrativas; 3) questões de gênero e abordagens psicanalíticas.

Maria da Glória Hazan defendeu, em 2006, no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade de São Paulo (USP), a dissertação de mestrado intitulada **Filosofia do Judaísmo em Abraham Joshua Heschel: Consciência Religiosa, Condição Humana e Deus**. O segundo capítulo do referido trabalho tem uma característica mais ampla, abordando o que ela intitula de fundamentos e características da consciência religiosa. O capítulo central é de cunho exegético, em uma análise da Filosofia Judaica. A pesquisa é contextualizada numa leitura de gênero para a América Latina, permitindo pontos de contato entre o que se trabalha nessa dissertação e àquela apresentada pela autora. No entanto, o aspecto estritamente teológico de sua abordagem confere distinção suficiente para com o que se pretende com a presente investigação.

Outra dissertação de mestrado que foi apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, em 2020, na Pontifícia Universidade Católica de

Goiás é: **O Conceito De Autodiscernimento, À Luz Dos Profetas Bíblicos, Em Confronto Com A Modernidade**: Uma Visão Religiosa Em Abraham Joshua Heschel, de Emivaldo Silva Nogueira. O trabalho buscou aprofundar o conceito de autodiscernimento de Abraham Joshua Heschel em comparação com a justiça dos profetas bíblicos, como proposta de humanização de homens e mulheres na modernidade a partir da visão judaica. Além disso, as temáticas que essa dissertação discute dizem respeito a um contexto mais abrangente do que o latino-americano e, embora discorra sobre as questões do autodiscernimento, da crise de valores e a crise da modernidade, não o faz com o mesmo enfoque dado por Hazan.

Há uma tese doutoral do mesmo autor acima mencionado intitulada **A Justiça Social no Profeta Amós à Luz do Método de Autodiscernimento em Abraham Joshua Heschel**, defendida em 2020, também no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Tal investigação tem como objetivo levantar uma análise da justiça social no profeta Amós à luz do método de Autodiscernimento em Heschel, o que possivelmente melhor represente a justiça na **Bíblia** Hebraica, se aproximando da tese de Leone na medida em que também se propõe a investigar a experiência religiosa.

Foi consultada, também, outra dissertação de mestrado – **A Experiência Religiosa Dos Profetas Bíblicos Em Abraham Heschel E Sua Crítica À Visão Panpsicológica**, de Narcélio Ferreira de Lima, defendida na PUC Goiás em 2023. Essa dissertação se propõe a refletir e aprofundar a experiência religiosa dos profetas hebreus na perspectiva do filósofo e teólogo judeu Abraham Joshua Heschel, confrontando-a com sua noção de **panpsicologia**. Considera-se que os profetas bíblicos podem ser caracterizados a modo *sui generis* graças ao sentido de um *pathos* divino presente em sua consciência a partir do evento da revelação bíblica, realidade expressa em um formato sujeito-objeto, onde Deus se torna o sujeito supremo da realidade e, o profeta, assim como o ser humano, objeto de sua atenção.

Nota-se, pela própria menção às instituições acima, que boa parte dos trabalhos vêm de faculdades ligadas às Ciências da Religião. Ainda há pouca inserção desses estudos no campo das faculdades de Filosofia. Assim sendo, busca-se com a presente investigação contribuir para que se possa pensar no direcionamento da atenção para essa lacuna que ainda se faz presente nos estudos radicados no Brasil.

Heschel (1975) declara seu pensamento como filosofia da religião, especificamente no âmbito da Filosofia do Judaísmo, pois não toma como ponto de

partida os dogmas, entendidos como verdades prontas da religião, mas prefere se apoiar em uma didática aberta e questionadora do pensar filosófico. Sua filosofia e teologia trazem como pressuposto o amor de Deus, caracterizado como *pathos*¹ que busca o homem, conceito-chave que se faz muito presente em toda sua produção intelectual e ativismo social, apresentando Deus como sujeito supremo da realidade que nos envolve e não apenas como objeto de nossa reflexão.

O filósofo busca restabelecer problemas esquecidos, ou seja, os elementos fundamentais para a elaboração de uma filosofia da religião. Procurar-se-á extrair também alguns temas essenciais para a definição do que Heschel traduz por **Pensamento Situacional**, com suas devidas contribuições para o pensamento religioso em confronto com a **religião moderna**. De antemão, sabe-se que a filosofia ocidental é predominantemente marcada pela filosofia grega na qual a racionalidade e abstração é seu principal modo de operar, atuando tanto quanto possível com termos inequívocos enquanto a mente semita pensa em termos concretos, intuitivos, afetivos e simbólicos, o que pode soar como assimetria o modo de pensar dos profetas e, conseqüentemente, a filosofia hescheliana.

Por outro lado, a cultura oriental apresenta-nos outra forma de conceber a realidade que se dá inicialmente através da ênfase do papel afetivo no conhecimento, tratando-se aqui do conhecimento intuitivo ou pensamento criativo, sem negar a importância da especulação. Heschel não rejeita, mas antes visa complementar o conhecimento intelectual, procurando dar ênfase ao papel da memória, do *insight*² e da inicial imparcialidade nos eventos concretos nos quais vive o homem para chegar ao que ele chama de pensamento situacional, pois não é o mero sentimento que poderá aliviar as tensões entre o homem e Deus, mas a ação.

O **Pensamento Situacional** de que o autor trata é a consciência do homem religioso que faz a experiência do *insight* (**estalo**, o despertar das ideias internas adormecidas), passando de um mero espectador a sujeito que age para a

¹ "*Pathos* é uma palavra grega (*πάθος*) que significa sofrimento, paixão, afeto. Também podendo significar "Caractère pathétique" um Personagem patético literalmente. Descrito também como a Qualidade que invoca tristeza pelo Oxford Dictionary e pelo Dicionário Online de Português como uma experiência humana ou expressão de arte que evoca dó, pena ou compaixão ao espectador" (<https://dbpedia.org/page/Pathos>).

² "*Insight* é um substantivo com origem no idioma inglês e que significa compreensão súbita de alguma coisa ou determinada situação. O *insight* também está relacionado com a capacidade de discernimento, pode ser descrito como uma espécie de epifania. Nos desenhos animados, o *insight* é representado como uma lâmpada acesa em cima da cabeça do personagem, indicando um momento único de esclarecimento em que se fez luz" (<https://www.significados.com.br>).

transformação da realidade, como fizeram os profetas bíblicos, o que constitui seu método epistemológico.

Abraham Joshua Heschel nasceu em Varsóvia no dia 11 de janeiro de 1907. Seu pai era Moshé Mordehai, falecido quando ele tinha nove anos de idade, e sua mãe era Reizel Heschel. Descendentes de *rebbe*s hassídicos, constituíam uma nobre família no universo judaico. Várias lideranças judaicas ligadas ao movimento hassídico³ do leste europeu desde o século XVIII estavam entre os ancestrais de Heschel e mereceram grande reverência de sua parte. Sete gerações de mestres do hassidismo o antecederam, o que, segundo o rabino Marshall T. Meyer⁴ (In: HESCHEL, 2002), fez com que este homem se tornasse o maior expoente do pensamento da tradição judaica.

O fundador do hassidismo, entendido como movimento histórico dentro do judaísmo, foi o Rabi Israel ben Eliezer (1700-1760), apelidado de Baal Shem Tov (O Mestre do Bom Nome). O movimento surgiu na Polônia no século XVIII, caracterizado num esforço pela renovação da mística judaica, na tentativa de provocar uma verdadeira *teshuváh*. Esse termo quer dizer **retorno** à piedade, santidade e união com Deus aqui mesmo na terra, possibilitando assim uma nova conotação no termo **piedade**, ou seja, uma vida nova.

À sua filha, Susannah Heschel, ele dizia ter sorte por haver nascido em um ambiente onde as pessoas estavam envolvidas com os problemas da vida interior, com a espiritualidade e com a integridade (HESCHEL, 2021). Seu pensamento foi profundamente influenciado por essas vivências, o que se evidenciou na sua admiração por dois importantes líderes hassídicos, Rebbe Israel Baal Shem Tov e Kotzker Rebbe, que vieram a inspirá-lo enormemente na fundamentação de seu trabalho. O primeiro, enfatizando o aspecto de misericórdia e compaixão do judaísmo; o segundo a justiça divina e o apelo à ética.

Heschel conta-nos que seu nome é o mesmo de seu avô, Rabi Avraham Joschua Heschel de Apt, o Àpter Rav, contemporâneo de Baal Shem Tov e o último grande rabino de Mezibuschi, pequena cidade na província da Podália, na Ucrânia,

³ O hassidismo é um movimento dos hassidim **piedosos** que constitui o judaísmo ortodoxo. Foi fundado na Polônia no século XVIII por Israel, filho de Eliezer, conhecido como Baal Shem Tov O Mestre do Bom Nome (LEONE, 2002).

⁴ Marshall T. Meyer é um importante líder judaico na América Latina, discípulo de Heschel.

mesmo lugar em que Baal Shem Tov, fundador do movimento hassídico, viveu seus últimos vinte anos (HAZAN, 2008). Dentro desse mesmo movimento vale destacar a importância da espontaneidade, algo de muita relevância para o hassidismo. É um valor que Heschel persegue, acabando por confrontar a ortodoxia no que se refere à forma recrudescida na transmissão dos conceitos encontrados na *Toráh*. Possivelmente, essa postura crítica explique o motivo do autor não ser citado na comunidade religiosa judaica, segundo seus próprios integrantes. Fato muito pertinente que se pode constatar ainda dentro do âmbito acadêmico, no qual Heschel é ainda pouco conhecido e estudado (HAZAN, 2008).

Do mesmo modo que Heschel, outros grandes intelectuais judeus importantes como Jacob Levy Moreno⁵ e Martin Buber⁶ foram muito inspirados pelo hassidismo, mas somente Heschel nasceu nesse meio, sendo marcado desde suas origens e intelectualmente influenciado por essa cultura religiosa (HAZAN, 2008).

Abraham Joshua Heschel, foi educado desde cedo nos círculos do hassidismo da Polônia. Apesar de ser um círculo restrito, não foi capaz de manter Abraham Joshua Heschel dentro de seus limites. Aos 17 anos, opta pelo curso secundário secular moderno, com o intuito de chegar à Faculdade, algo para além das perspectivas de um judeu tradicional da Polônia naquela época (ZAMITH, 1975). Ele sentia que o ambiente religioso de um pietismo místico não fazia espaço para a influência da sociedade moderna de seus membros. Mas Heschel recebeu apoio de sua família.

Segue para Vilna, onde se matricula no *Yidish Realgymnasium* e começa a participar de um grupo de poesia *Yidish*⁷, sendo publicada a coletânea *Der Shem Hameforesh: Mensh* (O Nome Divino: Humano) em 1933. Evidencia-se que:

Os primeiros estudiosos da obra hescheliana pouca importância conferiram a este primeiro livro de Heschel. Imaginavam que por se tratar de uma obra literária, pouca relevância teria para a compreensão de seu pensamento. Podemos dizer que este ponto de vista predominou até os anos 70 (LEONE, 2002, p. 29).

⁵ Médico romeno criador do Psicodrama que viveu grande parte de sua vida nos Estados Unidos, onde desenvolveu o recurso da dinâmica de grupo e do psicodrama no trabalho psicoterápico.

⁶ Filósofo, escritor e pedagogo de origem austríaca que tem sua obra marcada por uma crítica à sociedade moderna aliada a um retorno à tradição, na busca pelo reencontro com a utopia humanista.

⁷ O *Yiddish* é uma língua de fusão de três línguas: alemão, hebraico e línguas eslavas. Formou-se há cerca de mil anos, com a intensa migração de judeus que fugiam das perseguições que sofriam na Península Ibérica e na França para a Europa Central e Leste Europeu, e que foram chamados de *ashkenazim* (LEONE, 2002).

Trata-se, entretanto, da primeira síntese entre sua herança hassídica e a modernidade, estando já presentes os principais conceitos que ele trabalharia anos mais tarde. Para Heschel, de acordo com a coletânea *Der Shem Hamefoyrosh: Mescheh* “transparece pela primeira vez a ideia hescheliana que o homo sapiens somente desperta para o humano, que Ihe é imanente, quando desperta para o encontro com Deus” (LEONE, 2002, p. 29).

A comunidade hassídica onde Heschel cresceu era constituída de judeus místicos e piedosos, formando um ambiente religioso de pietismo místico, em que as tradições eram cuidadosamente mantidas e a influência da sociedade moderna era pouco significativa. Predominava o estudo da Toráh permeado por lendas e por histórias de rabinos do passado (HAZAN, 2008).

Heschel então é obrigado a deixar a Alemanha devido às crescentes rejeições aos judeus. Retorna, pois, para a Polônia e lá permanece até umas seis semanas antes da invasão das tropas nazistas. Consegue escapar para Londres e encontra seu irmão Jacob, mas perde seus familiares em Varsóvia. Perde também uma irmã durante o bombardeio, mais tarde sua mãe e uma outra irmã são mortas pelos alemães. Uma de suas irmãs, a que morava em Viena, foi levada para Auschwitz e é assassinada logo em sua chegada (ZAMITH, 1975).

Em 1927 Heschel foi estudar na Alemanha, propriamente inscrevendo-se no curso de Filosofia, na Universidade de Berlim e na *Hochschule für die Wissenschaft des Judentum*, um seminário rabínico liberal. Especializou-se no moderno estudo dos textos judaicos e em história, sendo em 1929 nomeado instrutor, e passando a ensinar exegese talmúdica.

Sua filha, em um pequeno texto biográfico escreve sobre seu pai:

Havia um outro seminário ortodoxo, com enormes diferenças teológicas em relação ao seminário rabínico de meu pai, que se situava na mesma rua. Entre os estudantes da faculdade não havia comumente um trânsito frequente. Meu pai era um dos únicos que transitava por esses ambientes, mantendo amizade e respeito em todos eles, um vislumbre da função de intercâmbio entre diferentes universos que esse pensador veio a exercer posteriormente com tanta propriedade (SUSANNHA HESHEL apud HESCHEL, 2021, p. 64).

Em 1934 recebe seu diploma rabínico (LEONE, 2002). Na Universidade de Berlim, vai sendo formada a figura de filósofo judeu. A aproximação à fenomenologia viria a construir, posteriormente, uma matriz do pensamento hescheliano.

Durante seus anos como universitário, uma outra matriz de pensamento também vai se sedimentar no pensamento de Heschel: a fenomenologia, que naquele tempo começava a ganhar muitos adeptos entre intelectuais alemães. Salientamos que:

A linguagem fenomenológica funciona em Heschel como uma interface entre a visão tradicional judaica e os temas considerados relevantes no mundo intelectual ocidental, além de vestir como uma linguagem inteligível ao debate ocidental de temas tratados pela tradição judaica (LEONE, 2002, p. 30).

Vale destacar que o encontro com a fenomenologia provocou-lhe o interesse pelo doutorado. Por meio de uma abordagem fenomenológica Heschel se propôs investigar o tema judaico da revelação, isto é, do encontro com a dimensão divina, tentando compreender o sentido que o homem bíblico deu a esse encontro: concentra tal busca nas figuras dos profetas. Sua tese, cujo título é *Die Prophetie*, é um estudo da consciência dos profetas bíblicos, o que experimentam da vivência do encontro com Deus. Tal abordagem foi bem recebida pela academia alemã, apresentada em 1933. A publicação, porém, só ocorreu em 1936 pela Academia Polonesa de Ciências de Cracóvia, devido à carência de recursos e ascensão dos nazistas (LEONE, 2002).

No ano de 1937 é convidado por Martin Buber para ser seu sucessor no *Judisches Leherhaus* em Frankfurt. Essa sucessão proporciona-lhe um contato efetivo com uma geração de intelectuais judeus, o que lhe possibilitou nutrir-se e compartilhar discussões filosóficas, aprofundando, assim, algumas temáticas que seriam trabalhadas em textos posteriores (LEONE, 2002). Foi Buber quem trouxe Heschel para Frankfurt.

Em Frankfurt, neste mesmo período, funcionava o instituto de Pesquisa Social, abrigo e viveiro dos intelectuais ligados ao que mais tarde passou a ser conhecido como Escola de Frankfurt. Sublinhamos, que tais pensamentos elaborados pelos frankfurtianos vão sendo caracterizados pela crítica ao processo de modernização como desumanização.

Em 1938, Heschel foi deportado junto com outros judeus poloneses da Alemanha (LEONE, 2002). Depois de um longo período em Varsóvia e em Londres, finalmente segue para os Estados Unidos, em 1940. Nos EUA, Heschel começou a construir sua carreira intelectual. De 1940 a 1945 lecionou no Hebrew Union College, em Cincinnati, depois atuou como Professor de Ética Judaica e Misticismo no Seminário Teológico Judaico da América, em Nova York, de 1945 a 1972, ano de sua

morte. Nenhum título poderia ser mais adequado. Ele foi professor de ética e Misticismo não apenas dando palestras sobre os princípios da temática, mas também professando a ética e destacando o mistério do ser.

Outros importantes pensadores, como Horkheimer, Adorno, Fromm e Marcuse, os quais também foram refugiados do nazismo, dirigiram-se para os Estados Unidos. Naquele mesmo país, o choque com a catástrofe europeia junta-se a outro: o choque da modernidade do *american way of life*.⁸ Tanto em Heschel como para os frankfurtianos, esse duplo choque serviu para aprofundarem a crítica aos rumos da civilização (LEONE 2002).

Leone (2002), salienta que a ida para a América e o duplo choque do genocídio nazista foi o segundo grande evento que abalou profundamente a vida de Heschel. E continua:

A catástrofe nazista ecoa de muitas formas pela alma de Heschel, que assiste impotente ao assassinato de praticamente toda a sua família; somente uma de suas irmãs e o marido dela conseguiram sobreviver, refugiando-se também nos Estados Unidos. Heschel, outrossim, assiste à destruição do universo cultural de sua juventude com o aniquilamento das comunidades judaicas, presentes desde a Idade Média na Europa central. É bem mais conhecido e debatido o genocídio de milhões de seres humanos, dentre os quais seis milhões de judeus pelos nazistas e seus aliados. Deve ser lembrada, no entanto, outra dimensão da catástrofe nazista: o aniquilamento das seculares comunidades judaicas centro-européias extinguiu toda uma riqueza espiritual, cultural e material que caracterizaram o mundo judeu asquenazi (LEONE, 2002, p. 41).

Heschel, o sobrevivente, considerava-se:

um ramo arrancado do fogo, no qual meu povo foi queimado até a morte. Eu sou [continua Heschel] um ramo arrancado do fogo do altar de satã onde milhões de vidas humanas foram exterminadas em prol da maior glória do Mal (HESCHEL, 2021, p. 288).

Heschel causou impacto pela integridade de sua pessoa, por sua paixão pela justiça social, por sua erudição na tradição judaica e por seu pensamento religioso sobre a situação humana. Só ele possuía a riqueza da linguagem para expressar o que sua pessoa significava para seus amigos e alunos, seus colegas e seu povo, sua

⁸ “O termo *American way of life* ou estilo de vida americano foi um modelo de comportamento surgido nos Estados Unidos após a Primeira Guerra Mundial. Este modo de viver passava pelo consumismo, a padronização social e a crença nos valores democráticos liberais” (www.todamateria.com.br).

nação e o mundo (LEONE, 2002).

Algumas pessoas são como vírgulas no texto da vida judaica; Heschel foi um ponto de exclamação. Ele foi honesto com seu Deus e honesto com seus semelhantes. Ele ardia de sinceridade. Era fácil reverenciá-lo, pois ele era dotado do poder de reverenciá-lo. Foi fácil para muitos seres humanos amá-lo, pois ele tinha o poder de amar muitos seres humanos. Ele também tinha a capacidade para o ódio e desprezava a farsa e a injustiça. Abraham Joshua Heschel viveu seu nome. Como Abraão, ele possuía aquela combinação distinta de compaixão e justiça. “Ele guardou o caminho do Senhor, fazendo o que é justo e certo”. Ele arriscou sua vida, sua reputação, o afeto de seus amigos e colegas para lutar pelos marginalizados deste mundo. Ao mesmo tempo, ele podia orar e até perdoar aqueles que o ofenderam. Alguns o chamavam de Pai Abraão (KIMELMAN, 1985, sem paginação, grifo do autor, tradução nossa).

Nos Estados Unidos que elaborou suas obras mais conhecidas. Pôde escrever em inglês em 1951 **Man is not alone** (O Homem não está só) e **The Shabbat** (O Sábado). Em 1952, a obra **God in search of Man** (Deus em busca do Homem) e, em 1954, **Man’s quest of God** (O homem à procura de Deus), buscou trazer algo inovador, rompendo, de certa forma, com o posicionamento tradicional do hassidismo frente à modernidade e com os cientistas da religião no contexto pós-guerra.

No começo da década de 1960 Heschel passou a participar ativamente de movimentos sociais nos EUA, vindo a encontrar-se com Martin Luther King⁹, numa conferência nacional de cristãos e judeus. A contar desta situação, participava ativamente de marchas e manifestações pacíficas a favor da vida, dos direitos humanos, da justiça e da paz, especialmente no que dizia respeito ao diálogo entre as religiões e aos direitos civis (ZAMITH, 1975). A respeito, lembra Heschel: “Quando marchei com Martin Luther King em Selma, Alabama, senti que minhas pernas rezavam” (HESCHEL, 2021, p. 12). Daí em diante Heschel passa a ser conhecido pelo público em geral, inclusive é convidado para programas televisivos, nos quais, na maioria das vezes, falou como judeu, representante do hassidismo contemporâneo.

Vale ressaltar que nessa mesma década, Heschel esteve envolvido numa importante missão: participou ativamente no Concílio Vaticano II e influenciou,

⁹ “Martin Luther King Jr. foi um pastor batista norte-americano que ficou internacionalmente conhecido por ser uma das lideranças que lutaram contra a segregação racial. Ganhou projeção nacional ao ser um dos líderes do boicote à segregação racial nos ônibus de uma cidade do Alabama, na década de 1950. Grande defensor da desobediência civil e um adepto da não violência como forma de lutar contra o racismo. Martin Luther King Jr. realizou um dos discursos políticos mais célebres da história norte-americana e foi assassinado em 1968, aos 39 anos, vítima de um crime odioso” (<https://brasilecola.uol.com.br>).

decisivamente, nas questões da relação catolicismo e judaísmo, sendo um dos maiores expoentes dessa tarefa que ele entendia e nomeava de **ética religiosa**. Destaca-se que seu contato intrínseco com a Igreja Católica se deu a partir do encontro com o Cardeal Augustin Bea (1881-1968), primeiro presidente do então Secretariado para a Unidade dos Cristãos, influente nos trabalhos do Concílio pela unidade dos cristãos e, conseqüentemente, do diálogo com as religiões não-cristãs, a começar pelo judaísmo, sendo então a ponte entre Heschel e o Pontífice Paulo VI (ZAMITH, 1975).

A pedido do Comitê Judaico Americano, Heschel vai à Roma e encontra-se pessoalmente com o Papa Paulo VI (1897-1978) por diversas vezes logo nos primórdios do Concílio, envolvendo-se nos trabalhos do Secretariado e posicionando-se claramente nas questões sobre a relação entre cristãos e judeus, especialmente quando achava que o órgão estava esfriando suas posições. Por isso, acredita-se que a Declaração *Nostra Aetate*¹⁰ – que inocenta o povo judeu em geral da crucifixão de Cristo – tenha sua influência direta, documento que Bea fica responsável pela apresentação. Um cisma de dezoito séculos estava para ter um desfecho positivo, graças à contribuição e insistência de Heschel. Enfatizamos que Heschel contribuiu efetivamente com a declaração *Nostra Aetate*, alguns relatos publicados posteriormente ressaltam que diversas vezes Heschel e sua esposa encontraram-se com o Cardeal Bea.

Hazan (2008) ressalta que, numa visita do casal Heschel ao Papa Paulo VI em 1970, ele é elogiado por suas obras, que são chamadas pelo Pontífice de **muito espirituais e muito bonitas** e que os católicos deviam lê-las. O Papa ficou sabendo do impacto de suas obras na vida dos jovens, que para ele representava **uma bênção**, e finalizou incumbindo Heschel a continuar escrevendo.

Na audiência geral 31 de janeiro de 1973, um ano após sua morte, o Papa Paulo VI citava um texto seu, o que até então não era costume em audiências papais a citação de autores não-cristãos. O Papa discursava sobre o tema da procura de Deus, o que constitui o centro de toda a obra de Heschel. Assim conclui Zamith:

Falecido em 1972, aos 65 anos, Abraham Heschel já era considerado, não só pelos seus, mas por muitos cristãos, um profundo teólogo, verdadeiro místico, bem como um homem capaz de testemunhar pela sua vida e suas ações, no

¹⁰ *Nostra Aetate*, do latim, na nossa época, é o nome desta Declaração do Papa Paulo VI datada de 28 de outubro de 1965 que trata sobre a relação da Igreja Católica com as religiões não-cristãs.

meio das situações problemáticas de hoje, as vontades do seu Deus – um profeta dos nossos tempos! (ZAMITH, 1975, p. 5).

Seus últimos anos de vida foram plenos de trabalho: escritor, ativista e mestre. Tanto que depois de lecionar numa sexta-feira no Seminário Teológico Judaico, em New York, passou o início do *shabat* com a família, não acordou mais, deixou este mundo naquele dia de paz que ele ensinou tantos a apreciar e celebrar como um antegozo da eternidade. Ele destacou uma vez que:

Existem três maneiras pelas quais um homem expressa sua profunda tristeza: o homem no nível mais baixo chora; o homem no nível seguinte fica em silêncio; o homem no nível mais alto sabe como transformar sua tristeza em uma canção (KIMELMAN, 1985, sem paginação, tradução nossa).

Segundo a tradição judaica essa morte serena é chamada de **beijo de Deus**; isto é, Deus havia beijado sua alma (HAZAN, 2006). Alguns críticos evitaram enfrentar os desafios filosóficos apresentados por Heschel, categorizando-o como um mero poeta ou místico. Percebendo que aprendemos mais do que compreendemos, Heschel recusou-se a reduzir as percepções da mente ao racionalmente transparente. Ele sabia muito bem o quanto da afirmação religiosa é pura metonímia; que a linguagem religiosa exige a **acomodação das palavras a significados superiores**. Assim, ele não hesitou em fazer uma virada poética para apontar **o excedente indizível do que sentimos**. Ele também rejeitou qualquer fuga para a irracionalidade; em vez disso, ele nos exortou a ver o mistério nas fendas intersticiais do ser cotidiano. Para compreender adequadamente o pensamento de Heschel, devemos seguir seu conselho de **dispensar muitos pensamentos**.

Abraham Joshua Heschel é, na opinião de muitos comentadores, um dos mais importantes filósofos do judaísmo do século XX. Suas obras sendo profundamente judaicas, é daquelas raras que por seu pressuposto teórico e sua sensibilidade para com os problemas humanos alcança o universal.

É de se notar que no Brasil as primeiras traduções de Heschel tenham sido feitas nos meios cristãos, quando ainda eram raros os intelectuais judeus que conheciam sua obra ou sua fama neste país. Fora do Brasil, suas obras têm sido estudadas mais do ponto de vista teológico. É verdade que ele é um teólogo muito rico, profundo e sutil, no entanto existem em Heschel poucos aspectos estudados.

Dentro do pensamento hescheliano como em suas obras é predominante o seu aspecto humanista. É notório que em Heschel exista a afeição pelos valores de dignidade humana e direitos civis. Tais particularidades aplicadas em um conceito democrático induzem a uma via de construção da fraternidade humana tão almejada na tradição judaica.

O humanismo hescheliano, porém, critica a atitude arrogante da modernidade para com a natureza exterior e interior das pessoas, baseada em um suposto progresso das ciências e tecnologia (LEONE, 2002). Segundo Heschel, o homem desta era tende a ver o mundo de forma desencantada, não tendo os olhos para perceber o sublime, o misterioso e o maravilhoso.

Intrinsecamente seu diálogo com a sociedade busca resgatar a sensibilidade, o encantamento para com a presença divina no mundo, fundamentos ligados à dignidade humana. Desta forma seu humanismo não é antropocêntrico, dado que parte da noção bíblica do homem como *Tzelem Elohim*, imagem divina (LEONE, 2002).

A segunda parte do presente trabalho busca elucidar a biografia de Abraham Joshua Heschel. ainda pouco conhecido no Brasil, pretende-se examinar sua formação religiosa e a influência do hassidismo – corrente de mística e piedade judaica – em seu pensamento, buscará conhecer sua formação intelectual e registrar as principais atividades que marcaram sua vida.

3 FUNDAMENTOS E CARACTERÍSTICAS DA FILOSOFIA DE ABRAHAM JOSHUA HESCHEL

Deus me persegue em toda parte, como um tremor
O desejo em mim é por descanso; ele me convocando diz: vem!
Percebo visões vagando como mendigos pelas ruas!

Abraham Joshua Heschel

Nesta seção abordar-se-á os fundamentos e as principais características do pensamento de Abraham Joshua Heschel, buscando considerar o que o autor intitula de **Pensamento Situacional**, bem como a relevância da filosofia hescheliana para a modernidade.

3.1 ASPECTOS IMPORTANTES DA FILOSOFIA DO JUDAÍSMO

Antes de entrarmos diretamente na Filosofia do Judaísmo poderíamos iniciar tal reflexão com a seguinte indagação: é possível haver de fato no judaísmo uma filosofia, tal como a compreendemos em seus termos técnicos? Heschel (1975), ressalta-nos que o termo judaísmo na frase **Filosofia do Judaísmo** não constitui nem objeto nem sujeito, pois para ele o judaísmo não é objeto ou tema de seu pensamento, muito menos uma fonte de ideias como da filosofia de Kant, Platão e outros. Hazan vai além ao assegurar-nos que:

A filosofia do judaísmo parte da premissa de que Deus é absoluto mistério e ao atingir a razão à exaustão, podemos aludir a Sua presença por meio da teologia negativa. Para melhor compreender a relação entre ciência e religião, Heschel diferencia cada conceito em sua área específica (HAZAN, 2008, p. 41).

Heschel distingue que a **Bíblia** e as ciências não se ocupam dos mesmos problemas. A teoria científica investiga a causa do universo, intenciona a categoria de causalidade, e a causalidade projeta o relacionamento entre causa e efeito como partes de um processo contínuo, como partes mutáveis de um todo imutável. Não há aqui concordismo, pois os problemas teológicos vão por outra via. Em virtude disso: “A bíblia, por outro lado, concebe o relacionamento do Criador do universo com o universo como um relacionamento entre duas entidades essencialmente diferentes e

incomparáveis, e encara a própria criação como evento mais do que processo” (HESCHEL, 1975, p. 32).

Em tal abordagem, o autor insiste em situar-nos dessa especificidade, pois para ele, a **Bíblia** aponta um modo de compreender o mundo do ponto de vista de Deus. O Criador é o sujeito supremo de toda realidade, não um objeto de especulação, pois toma a iniciativa na relação transcendente, lança pergunta ao ser humano: **Onde estás?** (Gn 3,9) e o tem como objeto de eterna urgência e preocupação. Em outros termos, a **Bíblia** não trata o ser como ser, mas o **ser como criação**. Com isso a preocupação da **Bíblia** e da filosofia hescheliana não é para com a metafísica ou ontologia, mas com a história e a meta-história, mais com o tempo e com o espaço.

Dentro desse aspecto se faz significativo a noção de **evento** estabelecida por Heschel, portanto, diz respeito à relação do ser humano com Deus que se dá no presente. Todo **evento** é um acontecimento singular, diferentemente da ideia de processo, que estabelece relações causais de ocorrências previsíveis. Tal Filosofia Judaica se interessa mais pelo **aqui e agora** da história do que pelo plano metafísico ou escatológico, foca o momento vivido e as surpresas que a vida revela no cotidiano. Por isso se costuma dizer que a *Toráh* não está nos céus, é palavra de Deus posta na boca e no coração das pessoas e para elas (Dt 30,11-14) é palavra divina, mas também é palavra humana, porque responde a essa relação.

Caminhando nesta perspectiva, percebe-se traços peculiares dentro dessa proposta de Filosofia do Judaísmo. Na asserção “uma filosofia do judaísmo, por conseguinte, é uma filosofia de ideias e eventos” (HESCHEL, 1975, p. 38), nota-se a pretensão que o autor tem de afirmar que a referida filosofia não se limita à razão, uma vez que a fé ultrapassa seus limites. Não se está negando o papel da razão no conhecimento religioso, mas assegurando a relevância que os fenômenos desempenham na experiência religiosa, o que antecede os conceitos.

Corroborando tal afirmação, Leone (2002) enfatiza que Heschel ocupa-se com uma noção de tempo na qual os fenômenos estão divididos em duas categorias. A primeira sendo a **categoria dos processos** e a segunda **categoria dos eventos**. A dos processos segue uma regra, como as regularidades da natureza, já a dos eventos, por outro lado, criam precedentes – é o que se pode observar na história. Assim:

O que empresta um caráter humano e histórico à vida de Péricles ou Aristóteles não são os processos orgânicos, pelos quais eles se conduziram, mas os atos extraordinários, surpreendentes e imprevisíveis, realizações ou

eventos que os distinguiram de todos os outros seres humanos (HESCHEL, 1975, p. 237).

Heschel é incisivo ao apresentar tais diferenças entre processos e eventos. Para ele os eventos são fenômenos que relacionam-se com os processos, pois estes não podem ser reduzidos a uma parte daqueles. É algo que não somos capazes de prever nem explicarmos. Dessa forma:

O que a história faz com as leis da natureza não pode ser expresso por uma lei da natureza [...] a revelação não é um ato de interferência do curso normal dos processos naturais, mas o ato de instalar um novo momento criativo no curso da história. Na revelação, o sino badala, e as palavras vibram, pelo mundo (HESCHEL, 1975, p. 267-268).

Dessas diferenças destaca-se o caráter valioso dos eventos, para Heschel os eventos são importantes, assim como trabalhos artísticos. São os eventos importantes que se instalam na história sagrada, que é a tentativa de ver o passado no tempo presente. Enquanto o Deus dos filósofos é um conceito derivado de ideias abstratas, o Deus dos profetas é derivado de atos e eventos.

A Filosofia Judaica tem como princípio básico o aspecto divino das questões, considerando divina a origem da *Toráh*. O vocábulo *Toráh* é usado em dois sentidos: em um senso mais estrito, referindo-se ao Pentateuco – os Cinco Livros de Moisés; e em um sentido mais amplo abrangendo todo o corpo da lei, a prática, os costumes e os conceitos que compreendem o judaísmo.

Para Lima (2013) o pensamento de Heschel trata de filosofia da religião, mas não de qualquer religião em geral senão a sua, pessoal, visto que o filósofo utiliza muitas das vezes esse método o qual intitula **autodiscernimento**¹¹ e emprega o termo **judaísmo** como sujeito. Heschel reconhece a existência de dois tipos de filosofia, o primeiro seria a filosofia entendida como processo de pensamento conceitual, de análise do conteúdo do pensamento. Um segundo tipo de filosofia seria a de **autocompreensão radical**, também chamado de autoconhecimento ou autodiscernimento. Segundo ele, a primeira das três máximas inscritas no portal do templo de Apolo em Delfos **Conhece-te a ti mesmo** tem sido de diversos modos preocupação central da filosofia, enfatizada por Sócrates e Platão (HESCHEL, 1975,

¹¹ O autodiscernimento, apontado por Heschel como uma das mais profundas fontes de religião, permite tanto o reconhecimento da imagem divina no humano quanto uma autocrítica religiosa. A máxima socrática Conhece-te a ti mesmo na Bíblia pode ser entendida como Conhece o Deus de teu pai (1Cr 28,9).

p. 19).

O filósofo considera a história sagrada como um evento que sempre nos fascina e que pode ser descrito como uma tentativa de superar a linha divisória entre o passado e o presente. Também pode ser entendida como uma brecha que se abre para a consciência do significado do atemporal e do eterno momento em que se dá o encontro com o divino. A partir dessa compreensão, Heschel salienta que a Filosofia do Judaísmo não se inicia com o propósito original de analisar conceitos, mas sim em pesquisar situações.

Heschel concorda que a filosofia não rompe do acaso e se desenvolve em um específico modo de pensar, dentro de determinadas maneiras e categorias; lembramos que a Filosofia Ocidental é tipificada predominantemente pelo modo de pensar dos gregos e, além disso, comparando Israel com a Grécia, constata que suas doutrinas e categorias são diferentes, assim como a **Bíblia** e a doutrina de Aristóteles. Não apenas as categorias divergem como o critério de avaliação desses pensamentos, o contexto e formas de orientação específicas que as modelam, “não somente uma estrutura mental, mas também certa disposição ou maneira de entrelaçar e inter-relacionar intuições e percepções, um único tear de conceitos” (HESCHEL, 1975, p. 30).

Para evidenciar o trabalho da consciência, faz-se necessário sublinhar a diferença entre os conceitos de êxtase e de revelação, que têm, para ela, diferentes resultados. A consciência, na apreensão do conceito de homem bíblico, e na sua possível aplicação, é apresentada da seguinte forma:

O pensamento de Fílon, por exemplo, movia-se numa vereda que ignorava o específico e a diferença – tanto no judaísmo como no helenismo. Para ele, ambos ofereciam a mesma mensagem; o êxtase que conhecia dos cultos helênicos, ele admitiu ser idêntico ao estado em que os profetas hebreus recebiam a revelação (HESCHEL, 1975, p. 30).

A mente humana, sendo unilateral, não consegue atingir toda a realidade de uma única vez: ou percebemos os aspectos comuns das coisas que se expressam ou os elementos que as diferem. Na história dos conceitos houve períodos em que o olhar para o universal foi mais forte e ainda outros em que o estudo da particularidade mais interessava (LIMA, 2013).

Na avaliação da experiência do êxtase dentro do helenismo e do estado em que o profeta hebreu recebia a revelação há, entretanto, uma distinção importante a

ser feita. A revelação que se manifesta promove o *insight* da percepção e do entendimento da natureza espiritual contida nas ideias proféticas do *pathos* divino, como ação de Deus sobre a consciência humana:

O que eles não conseguiram entender foi a riqueza única do *insight* espiritual contida nas ideias proféticas do *pathos* divino. [...] Insistindo nos elementos comuns de razão e revelação, uma síntese de duas forças espirituais foi atingida com o sacrifício de alguns de seus inigualáveis *insights* (HESCHEL, 1975, p. 31, grifo do autor).

Na concepção hescheliana, a figura do **Profeta** é concebida como conceito ou modelo representativo de orientação, de comportamento e da revelação, como categoria de pensamento equivalente à experiência mística transcendente no judaísmo. Consequentemente, encontra-se a raiz do princípio que rege as atitudes no cotidiano da vida do homem religioso e aí se estabelece o compromisso com a dimensão espiritual.

Hazan (2008) aponta que dentre as várias correntes de pensamento no judaísmo está o Hassidismo, que levou Heschel e muitos outros, como seu amigo Martin Buber, a serem fortemente influenciados. Enfatiza-se que no hebraico a palavra *hassid* traz a raiz *hesed*, que quer dizer amor, compaixão, misericórdia, mas especialmente quer significar solidariedade. Considera-se que no judaísmo sempre existiram comunidades que assumiam o nome *hassidim*, traduzido por piedosos ou devotos. A comunidade hassídica é também conhecida como comunidade mística dos **piedosos**. Buber e Heschel são uns de seus maiores estudiosos e propagadores, embora apenas Heschel tenha nascido dentro desse círculo (LIMA, 2013). Primamos que o hassidismo tem a ver com a substância do judaísmo, uma vez que ambos dão relevância ao papel da memória, da tradição oral etc. Para Buber, um dos fatores mais vitais nesse movimento é que os *hassidim* contavam histórias de seus líderes, os quais são chamados *tzadikim* em hebraico, e ainda:

A palavra utilizada para narrá-las é mais que mero discurso; transmite às gerações vindouras o que de fato ocorreu, pois a própria narrativa passa a ser acontecimento, recebendo a consagração de um ato sagrado (BUBER, 1967, p. 11 apud LIMA, 2013, p. 16).

Desta forma, segundo Heschel, a substância do judaísmo é dada tanto na história quanto no pensamento. Para ele, o que se encontra subentendido na crença

judaica é, sobretudo, a lembrança. Quando um judeu diz **creio** subentende-se **lembro**.

A fé bíblica é uma viva e eterna recordação¹². Esse seria um fator de imposição de uma presença constante discernida pela percepção dos atos vivificantes da ação de Deus e do Seu dinâmico cuidado com o homem. Isso reforça que o sistema de crença judaico não é reduzido a sumário de ideias:

Ora, o judaísmo é uma realidade, um drama da história, um fato, não meramente um sentimento ou experiência. Ele alega ser o compromisso de um povo com Deus. Compreender o significado destes eventos, ensinamentos e compromissos é a tarefa de uma filosofia do judaísmo. Como já foi mencionado, nosso método neste livro [Deus em busca do homem] é originalmente, embora não exclusivamente, o do autodiscernimento, e o termo judaísmo no subtítulo do livro é usado principalmente como um sujeito (HESCHEL, 1975, p. 40).

Guerra e Nogueira (2021) enfatizam que tais estudos desenvolvidos por Heschel muito favoreceram a formulação de sua **Filosofia do Judaísmo**, tal constatação se expressa em uma de suas principais obras, intitulada **Deus em Busca do Homem** (1975), a qual tomamos como base para o presente estudo. Toda a filosofia hescheliana é profundamente marcada por uma insistência no valor da **experiência**, da **intuição**, do **momento vivido**, do **insight**, e sua religião é legitimada como respostas para as perguntas cruciais do ser humano.

Na busca em tentar resgatar questões existenciais importantes, das quais o judaísmo oferece respostas, Heschel concebeu uma **Teologia de Profundidade**, em outros termos, uma teologia¹³ que vai abaixo dos fenômenos de superfície de dúvida moderna, resultando em uma abordagem humanística para o Deus pessoal da **Bíblia**, que não é abstração filosófica, nem projeção psicológica, entretanto uma realidade viva que tem um interesse ardoroso pela criatura humana.

Heschel se dispõe a investigar a profundidade da fé, obstinado em apreender o que as pessoas expressam, o que não expressam e inclusive os *insights* que nunca foram difundidos. Contudo, o que vem a ser um autodiscernimento?

¹² O verbo hebraico *zakar* significa tanto lembrar, recordar, trazer à mente, quanto fazer um memorial, no sentido de atualizar, fazer acontecer novamente (Dicionário Bíblico Strong, 2002). A Bíblia está tomada desse conceito, por exemplo, lembra-te do teu Criador (Cf. Ecl 12,1).

¹³ O termo Teologia é aqui empregado no seu sentido amplo e anterior ao significado dado pelo Cristianismo (Guerra; Nogueira, 2021).

O autoconhecimento ou o autodiscernimento tem sido, de vários modos, a preocupação central da filosofia (a primeira de três máximas inscritas no portal do Templo de Apolo em Delfos era “conhece-te a ti mesmo”). Sua importância tem sido enfatizada por Sócrates e Platão (HESCHEL, 1975, p. 19).

O conceito de autodiscernimento ou de autocompreensão radical para Heschel pode ser entendido como um “pensamento a respeito de pensamento” (GUERRA; NOGUEIRA, 2021, p. 331), em outras palavras, um processo de introspecção. Hazan (2008), destaca que podemos entender o autodiscernimento como um método filosófico, também nos evidencia o exercer responsabilidades tais como o estudo da *Toráh*, o cumprimento das *mitzvót mandamentos*, o respeito ao dia do descanso **Schabat**, bem como a obediência do povo de Deus no Sinai. Nesse ato, o eu profundo discernido busca estabelecer-se em suas perspectivas, o *insight* e a interpretação desses *insights* através de símbolos e conceitos. Sobre tal conceito, Heschel aponta que:

A autocompreensão radical deve admitir não somente os frutos do pensamento, isto é, os conceitos e símbolos, mas também a raiz do pensamento, a profundidade do discernimento, os momentos de proximidade na comunhão do eu com a realidade (HESCHEL, 1975, p. 20).

Acerca de alguns aspectos apresentados anteriormente sobre o judaísmo, Heschel assinala que podemos aprender a abrangência das dimensões do drama bíblico expresso nas relações humanas, bem como das ideias, reiterando que esse filósofo define a filosofia do judaísmo como uma filosofia de ideias e eventos, pois considera essas duas realidades como expressão do drama humano.

Desse modo, Hazan (2008), comentando o pensamento de Heschel, localiza a substância do judaísmo tanto na história como no pensamento, pois para ele o que se encontra subentendido na crença judaica é, sobretudo, lembrança. Heschel vai além ao anunciar claramente um chamado específico do judaísmo, chamado à responsabilidade de cumprir um papel ao qual se prestou, o de servir a Deus.

Para Leone (2011), a filosofia da religião é concebida por Heschel tendo como características elementos universais, contudo, é uma filosofia do judaísmo, cujo pensamento destaca os temas centrais sobre os quais se levantaram debates judaicos nos últimos séculos, especialmente no século XX. Com relação a isso, é importante destacar a caracterização que Heschel faz:

O judaísmo é uma complexa estrutura. Ele não pode ser caracterizado nem como uma doutrina teológica, tampouco como um modo de vida de acordo com uma Lei ou uma comunidade. Um judeu religioso é uma pessoa comprometida com Deus, com Seus interesses e Seu Ensino (Torá); que vive como membro de uma Comunidade da Aliança (Israel). O judaísmo gira em torno de três entidades sagradas: Deus, Torá e Israel. O judeu nunca está só diante de Deus, a Torá e Israel estão sempre junto com ele (HESCHEL, 1996, p. 191 apud LEONE, 2011, p. 3).

Nesse sentido, nota-se que os pensadores da filosofia do judaísmo buscaram, perante a razão, de tal modo legitimar e aprofundar as razões de sua fé, conservando aquilo que lhe é essencial. Embora Abraham Heschel tenha sido acusado de anti-intelectualista de influência possivelmente bergsoniana, apresenta-nos uma entonação nova de filosofar, sem perder de vista a poesia, a retórica, a mística, e o rigor do método, valorizando ideias e situações.

3.2 O PENSAMENTO SITUACIONAL

Ao longo da tradição judaica percebe-se que não existiram muitos(as) autores(as) que se preocupassem com tal tipo de investigação ou dessem alguma importância a esse fenômeno de análise das situações da vida cotidiana, tão essencial na existência do ser humano. Segundo Heschel, para uma filosofia fenomenológica existencial é importante a discriminação de dois momentos relacionados com conceitos e situações (LEONE, 2002).

Leone comenta que um dos elementos da matriz do pensamento de Heschel é a **fenomenologia** que, naquele tempo (1929), começava a ganhar muitos adeptos entre os intelectuais alemães. Destaca que:

A linguagem fenomenológica tem como finalidade, em Heschel, ser uma interface entre a visão tradicional judaica e os temas considerados relevantes no mundo intelectual ocidental, além de vestir com uma linguagem inteligível o debate ocidental, temas tratados pela tradição judaica (LEONE, 2002, p. 31).

Tal encontro entre as matrizes fenomenológica e judaica, bem como a influência literária de seu amigo e mestre em Berlim, David Koigen, já se revela na tese de doutorado de Heschel, defendida em 1993 em Berlim, em uma maneira única de abordar esse método (LEONE, 2002).

Desse encontro com a fenomenologia surgiu, então, a sua famosa pesquisa doutoral, *Die Prophetie*¹⁴, um estudo da consciência dos profetas da **Bíblia Hebraica**. Trata-se da experiência humana com o transcendente onde Heschel se propôs a analisar o tema judaico da revelação, ou seja, o encontro humano com a dimensão divina, procurando compreender que sentido o homem bíblico forneceu para tal.

Pode parecer desnecessário a fenomenologia ser tão destacada nesse texto doutoral, mas sem uma compreensão do que se trata em seu contexto, fica praticamente impossível compreender Heschel, visto que a fenomenologia assume papel intrínseco em todo seu pensamento filosófico-teológico.

Em sua obra **Deus em Busca do Homem** (1975), o autor descreve que existem dois tipos de pensamento: os pensamentos nos quais possuem **relações com conceitos**, e os que possuem **relações com as situações**. Acredita que o grande conflito do século XIX entre ciência e religião foi sendo aos poucos substituído por uma controvérsia envolvendo os dois tipos de pensamento apresentados anteriormente: o primeiro, conceitual, tem como objeto particular conceitos da mente, e o segundo, situacional, tem como objeto a situação humana.

Heschel (1975) apresenta e distingue **pensamento conceitual e Pensamento Situacional**, define como pensamento conceitual um ato no qual se utiliza a razão, defende ainda que o “pensamento conceitual é adequado quando estamos empenhados num esforço para aumentar nosso conhecimento acerca do mundo” (HESCHEL, 1975, p. 17).

O pensamento conceitual leva em consideração um aspecto racional do entendimento, aquele em que nós nos esforçamos para que possamos compreender algo a respeito do mundo. Como exemplo desse pensamento conceitual pode-se trazer a revolução tecnológica, revolução industrial, corrida armamentista, corrida espacial, dentre outras:

Por conceito se entende uma maneira de aproximar-se de uma determinada realidade. O homem conceitua as coisas existentes para que possa relacionar-se com elas, dando nomes, inferindo, mensurando, fazendo experimentos etc. Para assim, tentar compreendê-las de maneira racional (LIMA, 2013, p. 27).

¹⁴ A tese em original alemão foi mais tarde transformada em livro nos anos 1950 quando Heschel estava radicado nos EUA, ganhando título de *The Prophets*. Muda-se o foco de atenção, da profecia para a pessoa do profeta, mas mantendo o método e rigor acadêmico.

Lima (2013) exemplifica que Heschel define como pensamento conceitual aquilo que nós, como seres racionais, estamos a todo momento a utilizar, pois, através dele conseguimos nos aproximar de determinada realidade, bem como relacionar-se e, por conseguinte, buscar compreendê-la. É típico do ser humano nomear as coisas, elaborando com elas uma relação, assim como no Gênesis o Criador deu a missão ao homem de classificar, inferir, interagir com os animais e o mundo (Gn 2,20).

Já o **Pensamento Situacional**, em si, envolve uma experiência interior. Heschel (1975), emitindo um juízo acerca de um problema em que a própria pessoa está envolvida, acredita que essa pessoa também passa a fazer parte do problema no qual está em jogo a sua existência. Quando refletimos sobre nossa existência estamos tocando uma parte da **situação** em que estamos **envolvidos**, ou seja, estamos nos referindo à história da situação humana e é a partir dela que buscamos a compreensão de nossos problemas. O **Pensamento Situacional** exige, portanto, envolvimento, participação, atitude.

Desse modo, o autor declara: “Pensamento situacional é necessário quando estamos empenhados em um esforço para compreender os problemas sobre os quais delimitamos toda a nossa existência” (HESCHEL, 1975, p. 17). Dentro do Pensamento Situacional implica-se o contexto do sujeito da experiência. Aqui, a vivência mobiliza emoções e sentimentos, e possibilita ao sujeito exprimir julgamentos na avaliação de seu envolvimento *In Situ*¹⁵. O pensador esclarece que:

Atualmente, o que era o conflito do século XIX entre ciência e religião está sendo substituído por uma controvérsia entre o tipo de pensamento que tem como objeto particular conceitos da mente e um estilo de pensamento que tem como objeto a situação do homem (HESCHEL, 1975, p. 18).

Ele admite que por tal intensidade tanto a razão quanto os sentimentos fazem parte da atitude do pensamento conceitual, se ele tiver em vista a situação como um todo. Heschel propõe certo distanciamento do fenômeno, para possibilitar a avaliação do acontecimento, mas sem que se perca a ligação com a percepção interior das emoções emergentes, o que enriquece a observação. Sobre a diferença entre os dois tipos de pensamento, o autor inscreve:

¹⁵ “*In Situ* é uma expressão latina que significa no lugar, geralmente utilizada quando algo está dentro da ordem, na normalidade” (<https://pt.wikipedia.org>).

A atitude do pensador conceitual é a de imparcialidade: o sujeito enfrenta um objetivo independente; a atitude do pensador situacional é a de preocupação: o sujeito imaginando que está envolvido numa situação que tem necessidade de compreender (HESCHEL, 1975, p. 18).

Lima descata que o **Pensamento Situacional** ou **criativo** não parte de problemas alheios, mas sempre de questões pessoais. Desse modo, o pensador situacional “não pergunta como o ser humano pode chegar ao conhecimento de Deus, mas antes como nós o podemos, porque uma vez atuando o afeto haverá estupefação, temor e envolvimento do sujeito na questão” (LIMA, 2021, p. 38).

Vale reiterar que o filósofo, enquanto apenas testemunha de atos alheios, talvez não venha a se sentir responsável pelas situações e, conseqüentemente, não se sinta motivado à transformação da realidade. Sua atitude metodológica diante das questões parte da imparcialidade, e isso deve ser salvaguardado por questão de honestidade intelectual, mas é também verdade que enquanto não houver envolvimento o problema não existe. O mesmo ocorre com o cientista moderno.

Sobre o método científico moderno, busca apresentar-nos um pouco sobre essa pretensão do cientista em ser imparcial quando, na verdade, já está tomando seu partido. Uma proposta está no excerto a seguir:

O saber e fazer científico eram tidos por neutros até a segunda metade do século XX, repensados com as epistemologias desenvolvidas por Karl Popper, Imre Lakatos e Thomas Kuhn. Todo(a) pesquisador(a) tem, na verdade, a defesa de um ponto de vista. A teoria do *falsificacionismo* de Popper [...] também reforça essa ideia e indica mais humildade ao fazer da ciência (LIMA, 2023, p. 122, nota, grifo do autor).

De forma mais sucinta, frente à diversas situações alarmantes do mundo pós-moderno, Heschel insiste que o pensador contemporâneo não pode se portar como mero espectador da realidade, “sua sabedoria não é uma comodidade que possa ser produzida por encomendas” (HESCHEL, 1975, p. 18).

Nessa perspectiva, não se pode desenvolver uma reflexão sobre o homem sem considerar todos os perfis que nos são apresentados, correndo o risco de prender o conceito numa camisa de força, fazendo da elaboração intelectual uma racionalização redutiva, como indicado acima. Heschel valoriza a expressão da alma na plenitude de seu potencial criativo. Descreve:

A não ser que estejamos envolvidos, o problema não existe. A menos que estejamos amando ou lembramos vivamente o que nos aconteceu quando

estávamos amando, ignoramos o amor. O pensamento criativo não é estimulado por problemas vicários, mas por problemas pessoais. (...) A alma só comunga consigo própria quando o coração é incitado (HESCHEL, 1975, p. 18).

É também assim que Heschel convida a contemplar seu pensamento, despertando envolvimento. Leva para bem longe da ideia segundo a qual todos os problemas fundamentais já foram respondidos. Propõe superar uma posição idealizada infantil e uma atitude indiferente em relação às ideias religiosas.

De acordo com ele, deve-se estar entre os que consideram a existência prioritária em relação às demais questões, destacando todas as formulações finais e tomando as **dificuldades** como ponto de partida de nosso pensamento. Estas são as questões que mobilizam nossa busca de sentido existencial. “O pensamento situacional é, sem dúvida, imparcialidade, mas também estupefação temor e envolvimento” (HESCHEL, 1975, p. 18).

De tal modo, Heschel enfatiza que, em primeiro lugar, a atitude do pensador situacional é a de neutralidade, no qual o pensador não toma partido de nenhuma situação. Contudo, ele não deve permanecer nessa neutralidade, ainda mais quando toca questões decisivas da vida humana. Em um segundo momento o pensador passa ao **espanto**, o que na filosofia é o grande ponto de partida, levando-o a deixar de ser indiferente à sua realidade, ações e acontecimentos. Consequentemente, o pensador situacional passa ao envolvimento, onde ele permite incluir-se e comprometer-se com a situação.

“O que nós enfrentamos não é apenas um problema que está fora de nossa alçada, mas uma situação da qual nós fazemos parte e na qual nós estamos completamente envolvidos” (HESCHEL, 1975, p. 18). Só será possível conseguirmos compreender o problema se formos capazes de pesquisar a situação.

Assim sendo, o sujeito **pessoa**, do mesmo modo, passa a ser uma testemunha do problema, não um responsável pelos atos abstraídos. Enfatiza também que o pensamento criativo **situacional** não é instigado por problemas vicários, mas por problemas pessoais tais como luto, depressão, crise existencial etc.

Guerra e Nogueira (2021) asseguram que trabalhar a filosofia judaica proposta por Heschel apenas de forma racional, quando estamos comprometidos em aprender somente algo acerca do mundo, é diferente do que ele propõe, ou seja, o pensamento hescheliano é uma **filosofia situacional**, pois implica que o homem esteja totalmente

envolvido em questões, tendo como princípio a imparcialidade e a estupefação.

É indispensável para o pensador o envolvimento, tornando-o testemunha do que se fala, escreve e vive. Assim, o filósofo não fala ou escreve de coisas empíricas, oferecendo respostas a questões que não o tocam, mas antes de tudo, é aquele que necessita comungar consigo mesmo, com aquilo que ele fala e acredita. É assim:

[...] por exemplo, o problema da filosofia religiosa não é como um homem atinge um conhecimento a respeito de Deus, mas, antes, como podemos nós atingir um conhecimento a respeito de Deus (HESCHEL, 1975, p. 18).

Ao escrever tal afirmação, Heschel tem como finalidade aprofundar e iluminar a religião judaica e sua realidade subjacente, relação viva e dinâmica entre Deus e o homem, por meio da compreensão empática dos documentos da tradição de Israel e da experiência judaica. Ainda que Heschel trouxesse para tal tarefa as ferramentas da filosofia moderna, apontou que nenhuma quantidade de análises racionais poderiam esgotar a riqueza e a plenitude desta realidade, apontando, portanto, o fato de que a própria razão revela seus limites.

Ao lado da razão, a vivência em todas as dimensões são também fontes de conhecimento para o sujeito. Gilman (2007) explica duas atitudes opostas, o pensador conceitual deve ter em um primeiro momento uma atitude de imparcialidade e distanciamento, já o pensador situacional deve ter uma atitude de concernência engajada. Gilman, cuja tese de doutorado foi sobre Gabriel Honoré Marcel¹⁶, enfatiza que o **Pensamento Situacional hescheliano** adequa-se no contexto de outros pensadores fenomenológicos e existencialistas.

Ressalta-se, então, que tal presença da fenomenologia em Heschel é o cerne para que possamos entender todo seu pensamento. O fato de Heschel distanciar-se da teologia ocidental, isto é, da explicação racional do divino, se justifica porque a teologia, em sentido lato, se faz expressão do pensamento situacional, que busca privilegiar a experiência pré-conceitual e o envolvimento dos fenômenos.

3.3 FENOMENOLOGIA HESCHELIANA

¹⁶ Gabriel Honoré Marcel (1889-1973) foi filósofo, dramaturgo e compositor francês ligado à tradição fenomenológico-existencial. O pensador que desde o início de século, influenciou toda uma geração de intelectuais como Paul Ricoeur (1913-2005), Merleau-Ponty (1908-1961), Jean-Paul Sartre (1905-1980), Emmanuel Levinas (1906-1995), dentre outros.

Ao adentrar nesse campo epistemológico, pode-se destacar que o estudo de Heschel acerca dos profetas bíblicos tem como marco importante o método fenomenológico, no qual o pensador travou um profundo contato durante os anos em que estudou na Universidade de Berlim. Os escritos de Edmund Husserl, Max Scheler e Max Dessoir, três dos importantes filósofos que adotaram para si o método fenomenológico ou suas variantes, já se faziam bastante divulgados e conhecidos nos meios acadêmicos alemães na mesma época. Leone (2002) enfatiza que tal paradigma era predominante na universidade alemã naquele meio, mas, o neokantianismo fazia-se presente como expressão local do positivismo.

Optar pela fenomenologia colocou Heschel numa situação bastante desconfortável no meio acadêmico, já que as categorias utilizadas por seus professores não davam muitas possibilidades de Heschel espargir todas as questões que o moviam, já que eles se consideravam neokantianistas e, estudar os profetas num curso de filosofia se tornaria pouco relevante.

Desde o início de seus estudos Heschel colocou-se ao lado daqueles que, como seu mestre Koigen, eram adversários do neokantianismo. Na concepção de Abraham Heschel, um homem religioso que trazia fortes raízes hassídicas e havia sido fortemente influenciado pelos meios literários de Vilna, era mais natural aliar-se aos que defendiam outra abordagem da realidade. Heschel precisava encontrar um método que lhe permitisse abordar questões humanas para além da ideologia acadêmica. Leone enfatiza que tal impossibilidade ontológica de responder as **questões últimas** fez dele um grande crítico da razão kantiana.

Para eles religião era um sentimento. Para mim, religião incluía os insights da Torá, que é uma visão do homem do ponto de vista de Deus. Eles falavam de Deus do ponto de vista do homem. Para eles, Deus era uma ideia, um postulado da razão. Eles garantiam a ele o status de ser uma possibilidade lógica. Mas assumir que ele teria existência teria sido um crime contra a epistemologia (KAPLAN, 1972 apud LEONE, 2002, p. 121).

Heschel encontrou no método fenomenológico uma interface entre o hassidismo e o pensamento ocidental. Interessante notar que através de seu estilo ele deseja mover seus leitores e leitoras a uma experiência da vivência de sua sensibilidade religiosa. Ainda utiliza-se de uma outra categoria fenomenológica caracterizada pela situação. Hyman aborda:

A atitude de concernência e ligação (attachment) transforma-se para abarcar a visão de mundo do sujeito da forma mais plena possível. Para realmente ligar-se ao mundo do profeta, nós não podemos apenas suspender a descrença, devemos ativamente crer no que ele vê, faz, ouve, sente e pensa. Para obter os *insights* necessários, devemos experimentar as palavras proféticas de modo imediato. É isso o que Heschel denomina de pensamento situacional (HYMAN, 1994, p. 157 apud LEONE, 2002, p. 123, grifo do autor).

Além disso, a simpatia é um meio de atingir a situação do sujeito e de buscar compreender seu ponto de vista de um modo engajado e participativo. Leone (2002) complementa afirmando que a chave para que possamos entender o uso do método fenomenológico do pensamento religioso hescheliano é a compreensão de que o pensador está sempre desejando que seu interlocutor, o homem moderno, coloque-se no lugar do homem religioso e compreenda seu ponto de vista e sua experiência de modo emocional e, logo, pessoal.

É nesse sentido criativo e operante que os profetas são o símbolo especial da humanidade e da expressão de um *pathos* divino, porque não ficam tateando noções de Deus, mas o experimentam e o comunicam. Eles são o protótipo da dignidade humana e dessa relação transcendental. Eles não são extáticos ou espectadores da realidade, mas agentes transformadores envolvidos na situação de seu povo. Na sua consciência e ação podemos encontrar luzes que nortearam e continuam inspirando três milênios da história humana.

3.4 O QUE ME MANTÉM VIVO É A CAPACIDADE DE SER SURPREENDIDO: *INSIGHT* COMO ILUMINAÇÃO PARA A RAZÃO

Abraham Heschel aponta que a origem do pensamento religioso é composta de memória, tradição e *insight* pessoal. “Devemos confiar em nossa memória e devemos esforçar-nos para obter *insight* recente” (HESCHEL, 1975, p. 44). Já que a categoria epistemológica utilizada por Heschel é a situacional, pode-se dizer que em seu pensamento ele é insistente para o valor da experiência, do momento vivido, do *insight* e da intuição. Assim:

O *insight* fundamental é o resultado dos *momentos* quando somos excitados além das palavras, dos instantes de admiração, temor, louvor, medo, tremor e perplexidade radical; da consciência de grandeza, de percepções que podemos compreender, mas somos incapazes de transmitir, das

manifestações do desconhecido, dos momentos em que abandonamos a pretensão de entender o mundo, de *conhecer pelo desconhecimento*. É no clímax de tais momentos que alcançamos a certeza de que a vida tem significado, de que o tempo é mais do que evanescência, de que além de todo ser existe alguém que se interessa por ele (HESCHEL, 1975, p. 174, grifos do autor).

Insight é entendido como aquela compreensão que não se enquadra dentro dos limites de métodos comuns; ele ficaria mais bem colocado como um método de revelação. O *insight* é a inesperada e surpreendente descoberta de uma verdade, cuja estruturação se opera no subconsciente ou mesmo no inconsciente. São coisas que conhecemos em momentos e situações aleatórias que nos encham de pânico ou de uma alegria indescritível. Cientistas, artistas, escritores, matemáticos, profetas e filósofos tiveram inúmeros *insights* no transcorrer de suas vidas. Em maior ou menor escala, todos nós já o experimentamos, como se pode ver a seguir:

[...] deseja falar, pela palavra escrita ou falada, qualquer dos mistérios que ele aprendeu, não lhe é possível expor clara ou sistematicamente aquilo que compreendeu como teria feito em qualquer ciência que tenha determinado método de instrução. Quando ele tentar ensinar a outros, não encontra a mesma dificuldade encontrada em seu próprio estudo, a saber, que o assunto se torna claro por uns momentos e, em seguida, retrocede à obscuridade. Parece que isto é a natureza deste assunto, seja grande ou pequena a participação de alguém nele. Por esta razão, quando algum metafísico ou teólogo, de posse de alguma verdade, pretende divulgar sua ciência, ele não o fará senão por analogias ou enigmas. Os escritores deste assunto têm usado muitos e diferentes analogias, que variam, não apenas em pormenores, mas em seu caráter essencial (MAIMÔNIDES apud HESCHEL, 1975, p. 175).

Diante dessa ótica, Lima (2013) assegura que Heschel vai além ao reconhecer que não apenas a **Bíblia** traz preocupações com problemas religiosos do homem. Em todos os tempos e culturas sempre houve a tentativa de dar resposta às questões que tocam nossa existência, em outros termos, aos nossos problemas fundamentais. Com isso, o homem tem buscado a Deus. Muito se deve à filosofia que iluminou o campo da moral, por exemplo. Mas o que Heschel busca destacar é o papel da **Bíblia** nesse dilema de Deus com o homem e vice-versa, pois segundo ele, o período bíblico representa um grande capítulo na história. Diante dessa averiguação, talvez surja outro questionamento: onde poderíamos encontrar uma verdadeira fonte de *insights* que sobreponham nossa existência?

Respondendo a esse questionamento, o filósofo apresenta-nos a **Bíblia**, pois para ele, representa três mil anos de iluminação ou de *insights*. Heschel tenta voltar nossa atenção acrescentando:

O que temos nós e o povo da Bíblia em comum? As ansiedades e os prazeres da vida; o sentido da beleza e a resistência a ele; a consciência de estar afastado de Deus e momentos de anelo para encontrar um caminho até ele (HESCHEL, 1975, p. 43).

Lima (2013) destaca que diante de tantos eventos e conceitos dentro da fé judaica uma coisa é certa, segundo Heschel há uma luta pelo *insight* do qual a fé judaica extraiu sua força. Não apenas trata-se de recordar simples eventos, nem mesmo de resumir essa experiência na herança de uma doutrina. A **Bíblia** deixa transparecer que seu conteúdo não se limita a inspirações proféticas, mas revela muitas buscas e anseios humanos oriundos de lábios não-proféticos.

Na entendimento do filósofo Antônio Inácio da Silva, ainda uma outra palavra sobre o *insight* que poderá esclarecer nosso entendimento sobre o mesmo tema:

O *insight* é como um inesperado amanhecer na consciência, de algo que jazia adormecido no crepúsculo do subconsciente ou mesmo nas dobras tenebrosas do nosso inconsciente. Rompem-se as algemas! Eis a inesperada verdade. (...) *Insight* – *In*, dentro; *sight*, visão – É visão dedentro ou estalo, é o rápido penetrar numa clara, inequívoca, inesperada e fortuita realidade (SILVA, 1971, p. 55, grifo do autor).

Dessa forma, Lima (2013) complementa que Heschel aceita a definição medieval de *insight*, que se definia como **o olho do coração** (ovanta deliba)¹⁷, referindo-se à intuição. Maimônides¹⁸ não oferecia provas especulativas a respeito da existência de Deus, mas afirmava que tal conhecimento deveria passar por essa visão dita mais íntima. O que é essencial na experiência religiosa não é a explicação de seus fenômenos, mas a capacidade de despertar o senso do inefável e do maravilhoso. Não são as ideias ou sistema de crença, mas algo que lhe é interior: os atos de crer e os eventos a ele relacionados.

¹⁷ A expressão indica uma visão mais íntima. “Olho do coração” também é um nome medieval para intuição.

¹⁸ “Maimônides ou Rambam (Moisés ben Maimon, 1138-1204) - Sefardita, nascido em Córdoba, conhecido entre os muçulmanos como Abu Imram Musa ben Maimun ibn Abdala. Foi Médico, cientista, talmudista de imenso saber, considerado o maior filósofo judeu da Idade Média, empreendeu uma nova apresentação de toda a tradição judaica tomando Aristóteles como referência” (HAZAN, 2008, p. 144).

3.5 EVENTOS

Para Heschel, o Judaísmo não procura subordinar a filosofia a ideias, eventos ou verdades infinitas a uma história particular. Inicialmente tenta identificar um nível de realidade onde os eventos são manifestações de normas divinas, onde a história é interpretada como cumprimento da verdade. Nessa pretensão ele exige a aceitação de alguns pensamentos básicos e normas, bem como uma certa dedicação a certos eventos decisivos.

Em seus escritos, percebe-se que o autor caracteriza o judaísmo como uma religião de história, uma religião de tempo. Na **Bíblia**, o Deus de Israel não foi tratado, previamente, em fatos da natureza. Ele comunicou-se por intermédio dos eventos na história, e ainda acrescenta:

Enquanto as divindades de outros povos eram associadas com lugares ou coisas, o Deus dos profetas era o Deus dos eventos: o Redentor da escravidão, o Revelador da Tora, manifestando-se em si próprio em eventos na história, mais propriamente, do que em coisas ou lugares (HESCHEL, 1975, p. 256).

Os eventos dos quais a religião se derivou e os momentos particulares no tempo em que Deus e o homem se encontraram são tão fundamentais para o judaísmo, bem como a eternidade da justiça e compaixão divina, além da verdade generalizada de que Deus e o homem permanecem em um relacionamento mútuo.

Lima (2013) recorda que a **Bíblia** está repleta de vida. Em vista disso, Heschel retoma, por exemplo, o êxodo do Egito, a revelação do Sinai e a calúnia de Míriam contra Moisés como exemplos que ilustram alguns dos grandes eventos que o povo judeu experimentou. Em contrapartida cita **O Senhor é único e Justiça tu buscarás** como umas das principais ideias da fé judaica. Como apreciamos, a filosofia do judaísmo é constituída de ideias e eventos, inseparavelmente.

Recorremos novamente a Maimônides, grande filósofo judeu da Idade Média, que classificou a essência do judaísmo em treze itens de fé, o que ficou reputado por **credo maimonideano**. Heschel os cita e analisa, como assim também o faremos:

1. A existência de Deus; 2. Sua unidade; 3. Sua imaterialidade; 4. Sua eternidade; 5. Deus como o objeto de adoração; 6. Revelação por meio de seus profetas; 7. A proeminência de Moisés entre os profetas; 8. Todo o pentateuco foi divinamente dado a Moisés; 9. A imutabilidade da Lei da Torá;

10. A onisciência de Deus; 11. Recompensa e punição; 12. A vinda do Messias; 13. Ressurreição (HESCHEL, 1975, p. 38).

Heschel lembra-nos que os itens 6, 8, 12 e 13 têm domínio de princípios ligados diretamente a eventos, todos os demais estão intimamente ligados aos princípios da fé de Israel, ou melhor, para Maimônides, é na ideia que a realidade se expressa, mas para o homem bíblico, como lembra Heschel, é nos eventos e nas ideias que essa realidade se expressa. Conforme já mencionado, quando um judeu expressa sua fé ao dizer **creio**, está ao mesmo tempo querendo afirmar: **lembro**, mostrando que a essência do judaísmo aceita ideias e relembra os eventos. Eventos e ideias fazem parte do sumário da fé judaica.

Heschel prossegue ao afirmar que “a inspiração profética deve ser compreendida como um evento, e não como um processo” (HESCHEL, 1975, p. 266). Dessa afirmação surge a seguinte dúvida: qual a diferença entre o evento e o processo? Respondendo, Heschel aponta que um processo acontece regularmente, seguindo um padrão relativo de permanência; já um evento é extraordinário, irregular. Para ele o processo pode ser contínuo, fixo, uniforme. Os eventos acontecem repentina, intermitente e ocasionalmente. Nesse caso, os processos são típicos e os eventos são únicos. Um processo segue uma disposição, uma lei, enquanto os eventos criam um precedente.

Na doutrina hescheliana “o homem vive uma sequência de eventos, não apenas uma sequência de processos” (HESCHEL, 1975, p. 267). Dessa sequência de eventos Heschel aponta que tal se faz espiritual. Os eventos se fazem hodiernos em determinados momentos como de *insight*, de decisões, em momentos de oração onde parecem significantes no mundo do espaço, mas eles põem a vida em foco. Dessa forma:

A natureza é composta de processos – a vida orgânica, por exemplo, pode ser descrita como consistindo nos processos de nascimento, crescimento, maturidade e decadência; **a história consiste, principalmente, em eventos**. O que empresta um caráter humano e histórico à vida de Péricles ou Aristóteles não são os processos orgânicos, pelos quais eles se conduziram, mas os atos extraordinários, surpreendentes e imprevisíveis, as realizações ou eventos que os distinguiram de todos os outros seres humanos (HESCHEL, 1975, p. 267, grifo nosso).

Com isso, Heschel assevera que um evento é um fato que não pode ser reduzido a uma parte de um processo. É algo que nós não podemos predizer nem

explicar completamente, já que dizer algo sobre eventos é admitir que existem acontecimentos no mundo que estão para lá de nossas explicações.

3.6 CARACTERÍSTICAS DA FILOSOFIA HESCHELIANA

Poeta, retórico, filósofo ou teólogo? Esse aparato formativo de Abraham Heschel levou alguns críticos, como Eliezer Berkovits (1908-1992)¹⁹, a questionar a doutrina central desse rabino sobre o *pathos* divino e os profetas hebreus, acusando-o de literalista bíblico, sobretudo por sua ousada tentativa de abordar a profecia frente a uma filosofia crítica de seu tempo. Ainda assim, a doutrina de Heschel pode ser considerada revolucionária porque desafiou todo um legado tradicional da metafísica judaica e cristã. Seria, então, a proposta filosófica de Heschel inadequada aos conceitos, métodos e abordagens próprias do pensamento filosófico?

Os pontos de vista de Heschel partem de ideias bíblicas e não de noções filosóficas preconcebidas. O **Absoluto** ou **motor imóvel** para o autor é o Deus de Israel, o transcendente, o Santo. A diferença é que **O totalmente Outro** como uma antítese do humano é estranho para a fé judaica, pois Deus tem um *pathos*, ele permite se expressar em linguagem antropomórfica porque é o Deus da criação e da história.

Os profetas não apresentam noções de Deus e sua essência, mas *insights* a partir de eventos históricos, logo sua linguagem não é metafísica e inequívoca como a de Aristóteles, Platão ou Kant, mas simbólica, assimétrica e às vezes até confusa aos olhos modernos. O exagero literário de sua linguagem é, na verdade, um modesto glossário que tenta exprimir o inefável e o sublime.

Heschel insiste em afirmar que sua obra trata da filosofia da religião, especialmente da filosofia do judaísmo, visto que compreendia a filosofia não num sentido limitado, mas aberto e questionador. Tal afirmação é encontrada logo no início da obra **Deus em busca do homem**, onde afirma que “a primeira tarefa de uma filosofia da religião é tornar a descobrir os problemas para os quais a religião é uma resposta” (HESCHEL, 1975, p. 15).

¹⁹ Trata-se do sexto capítulo “Dr. A.J. Heschel’s Theology of Pathos da obra Major Themes in Modern Philosophies”, 1974, pp.192-224, um ensaio de revisão à obra The Prophets de Heschel.

Apesar disso, pode-se classificar sua obra como teologia do judaísmo, mas Heschel reafirma que a teologia convencional tem um caráter essencialmente dogmático em oposição ao pensar filosófico, pois “teologia começa com dogmas, filosofia começa com problemas. Filosofia vê, antes, o problema, a teologia tem a resposta por antecipação” (HESCHEL, 1975, p. 16). Mesmo assim, o autor acredita que o método filosófico de levantar perguntas seria mais interessante para a elaboração de uma **Teologia profunda** porque são os questionamentos que movem o pensamento, sendo esses anteriores a qualquer resposta. As respostas dadas pela filosofia são, na verdade, perguntas disfarçadas que ilustram a infinitude e a progressão do espírito humano.

A filosofia, de certo modo, tem como pressuposto uma espécie de pensamento que tem princípio, mas não fim. Nela, a consciência do problema sobrepõe-se a todas as soluções. Para a filosofia tais problemas são tratados como ponto de debate universal, já para a religião esses pontos de debates universais são problemas pessoais.

Lima (2013) destaca que na busca por entendimento dos problemas religiosos de nosso tempo, Heschel se utiliza do **Pensamento Situacional**, fazendo deste seu método epistemológico. Tal método distingue-se daquele que parte de conceitos desenvolvidos pelo raciocínio, pelo intelecto.

O Pensamento ou conhecimento Situacional preocupa-se com as situações, as circunstâncias, supondo experiência interior e levando-nos ao engajamento (LIMA, 2013). A partir daí nota-se o interesse de Heschel pelos eventos bíblicos. Em sua obra, Heschel não trata de dogmas ou verdades reveladas e que se tornaram mais tarde o conteúdo da fé, mas o inverso. O autor procura aprofundar as situações que lhe são anteriores, buscando não levantar uma filosofia de doutrinas, mas uma filosofia de atos, intuições e acontecimentos.

Esse filósofo entende religião como sendo também fonte de conhecimento ou *insights* independentes, propondo o retorno da mesma aos elementos que comprovam sua autenticidade, pois a entende como resposta aos problemas fundamentais do homem. O temas como consciência religiosa e Deus deixam transparecer que a filosofia de Heschel possui caráter noético²⁰, ou seja, um interesse prático.

²⁰ “A noética, do grego *nous*: mente disciplina que estuda os fenômenos subjetivos da consciência, da mente, do espírito e da vida a partir do ponto de vista da ciência. Como conceito filosófico, em linhas gerais, define a dimensão espiritual do homem” (<https://pt.wikipedia.org>).

O termo consciência, para o judaísmo, ocupa lugar de fundamental importância, pois é ligeiramente associado ao atributo divino, é o que diferencia o ser humano de todos os outros animais, e é exatamente esse encontro com o outro que possibilita tal conhecimento de si mesmo.

Heschel é insistente para o valor da experiência, do momento vivido, do *insight* e da intuição, o que talvez pudesse levar-nos a classificá-lo como anti-intelectualista, de influência possivelmente bergsoniana, mas na verificação de um texto ou outro é possível perceber que ele critica uma teologia abstrata e desencarnada, possibilitando assim uma interpretação equilibrada de seu pensamento (LIMA, 2013, p. 26, grifo do autor).

A sensibilidade da presença de Deus é alcançada não por abstrações, ou como diz Heschel, em “conceitos insulsos; em opiniões astutas, áridas, tímidas; em amor que seja insuficiente, intermitente” (HESCHEL, 1975, p. 206), mas através de um coração aquebrantado e por uma mente que ultrapassa a própria **sabedoria**.

Heschel admite que nossa consciência (do que é certo ou errado) pode falhar e que mesmo os *insights* são vagos e esporádicos. Então, o que fazer com eles? Heschel responde a essa pergunta com a suposição de que existe algo no homem que é indubitável: seu senso de responsabilidade por sua própria conduta. Ao contrário da razão, a consciência leva-nos a sentirmos responsáveis por nossa própria conduta e a preocupação dessa consciência não é conceber algo, mas está na relação com as coisas, pois nos achamos aqui envolvidos (LIMA, 2013, p. 30, grifo do autor).

Para Heschel, consciência implica necessariamente responsabilidade, pois Deus se aproxima e torna-se realidade à consciência (LIMA, 2013). Então ele é sujeito, se apresenta por primeiro, e o homem deve buscar respondê-lo. A sensação de estar sendo observado por um ser extraterreno sempre foi um fato na existência humana, e é exatamente aqui onde surge a religião, da pergunta do que fazer com essa realidade misteriosa que nos envolve. Deparado com o *insight*, o caminho a ser traçado agora deve ser o do retorno; para tal retorno Heschel aponta os profetas como guias.

Para Hazan (2008), no pensamento hescheliano a consciência religiosa acontece no evento, na medida em que há aqui o encontro do humano com o sagrado, no momento em que Deus lança a pergunta e o homem o responde. Tais indagações serão vãs se Deus não lançar as perguntas, portanto, a consciência religiosa se faz quando Deus toma a iniciativa e os dois travam diálogo.

O testemunho de Abraham Heschel, nas pegadas dos profetas hebreus, farão o filósofo acentuar a precedência e centralidade da ética, sem perder a leveza de

espírito:

Abraham Joshua Heschel escreve como um filósofo ocidental, um *scholar* judeu, um rebe hassídico e como um poeta que assume uma inabalável confiança no amor de Deus pela Humanidade. E também ele sublinha a compaixão dos profetas hebreus e seu radicalismo ético (KAPLAN apud LEONE, 2002, p. 204, grifo do autor).

Todo esse percurso na presente seção tentou elucidar algumas das principais características no modo de pensar e o desenvolver do pensamento hescheliano. É notório que o autor constrói diálogos com os clássicos e seus contemporâneos. Se a filosofia tem como pressuposto o amor à sabedoria, Heschel criticou o modo racionalista e criticista de pensar alemão, apelando por mais humildade e solidariedade dos pensadores frente às demandas de seu tempo.

4 O CHAMADO À AÇÃO

Eu vou com meus devaneios
 Como num corredor através do mundo,
 Às vezes, vejo suspensa sobre mim a face sem a face de Deus.

Deus me persegue nos bondes e nos cafés,
 Oy, é somente com a parte de trás dos olhos que posso enxergar
 Como os mistérios nascem, como as visões aparecem.

Abraham Joshua Heschel

4.1 *PATHOS* DIVINO E SIMPATIA

Nos escritos de Heschel o autor apresenta o conceito de *pathos* divino, tão marcante em seu pensamento. Mas o que seria? Alexandre Leone (2002) aponta que essa teoria é um dos conceitos centrais no pensamento de Heschel. Embora suas implicações muitas vezes apresentem uma relação à teologia profética, a ideia tem desdobramentos que perpassam o conceito de humano no pensamento hescheliano. Nesta mesma linha enfatiza-se que:

A ideia de que o ser humano não apenas pode abrir-se para o infinito e para o inefável, mas também de que ele é buscado pelo transcendente, sugere no pensamento de Heschel a argumentação de que o ser humano é potencialmente capaz de responder a essa procura. Relacionando-se com transcendente, o homem pode encontrar a redenção pela própria história (LEONE, 2002, p. 107).

Os estudiosos de Heschel geralmente encaram a teoria do *pathos* pela ótica das implicações teológicas. Mas para Heschel a Teologia do *Pathos*²¹ é uma teologia extremamente diferente. Segundo o filósofo, essa teologia se caracteriza por seu aspecto emocional, tendo como sua finalidade esmiuçar a interface do divino que toca o humano histórico. Nessa perspectiva Heschel recorre à segunda parte de sua obra

²¹ “Em um sentido mais amplo e contexto existencialista na leitura de Kierkegaard, costuma-se relacionar paixão, equivalente ao termo dinamarquês *Lidensakab*, à ideia de felicidade e temor, enquanto o termo grego *pathos*, propriamente dito, volta-se para uma emoção positiva de ordem passional ou relação sublime com uma ideia, podendo distinguir-se em três espécies: estético, ético e religioso” (LIMA, 2021, p. 33).

The Prophets onde escreve: “Os profetas não tinham nenhuma ideia de Deus. O que eles possuíam era um *entendimento*” (HESCHEL, 1998 apud LEONE, 2002, p. 107, grifo do autor). Para o filósofo, os profetas não teriam nada que comparasse a uma teologia ou teoria de Deus, mas sim uma vivência ativa pessoal do encontro com o divino.

A partir dessa afirmação Heschel tem como intenção evidenciar a aplicação do pensamento situacional, bem como em destacar a necessidade do entendimento, visto que para esse entendimento é necessário sugerir uma experiência que não seja objetivada entre o profeta e Deus. “No *pathos*, se pensa a Deus como um Amo supremo dos céus e da terra. Quem se vê emocionalmente afetado pela conduta do homem” (HESCHEL, 1973c, p. 34).

Essa noção do amor de Deus que busca o ser humano ou *pathos* divino é o centro de todo pensamento e vida de Heschel (LIMA, 2023). Recorremos a Aristóteles que elenca quatorze tipos de paixão²², distinguindo, assim, agir de sofrer. Podemos encontrar entre eles uma noção mais ampla de *pathos*, que seria um movimento da alma sofrido por uma ação exterior, o que difere de ação. Portanto indica, basicamente, paixão-sofrimento no sentido amplo.

Heschel aponta que, ao contrário da religião dos gregos e filósofos – sobretudo dos estóicos, onde se concebe um deus indiferente e sublime demais para inclinar-se ao humano e seus interesses, o Deus dos profetas é um Deus totalmente interessado e misericordioso ante o problema das pessoas. Há uma solidariedade do Deus bíblico para com o ser humano que adota sua criatura como urgência e eterna preocupação.

Leone (2011) destaca dois conceitos formulados por Heschel para compreender a dinâmica e essência da profecia no Antigo Israel: o conceito de *pathos* e o conceito de simpatia. Esses conceitos são usados para entender a profecia bíblica, sendo centrais na construção de sua filosofia da religião. Portanto o *pathos* corresponde ao aspecto objetivo da dinâmica da profecia. Para Heschel, a profecia é uma resposta por parte do homem bíblico que se descobre buscado por Deus. Nessa lógica o *pathos* é essencial para entendermos a teologia profética, e a noção de simpatia indispensável para se compreender a religião profética, porque tais noções

²² Na obra *Retórica II* Aristóteles (2000) apresenta 14 paixões. São elas: ira, calma, amizade (amor), inimizade (ódio), temor (medo), confiança, amabilidade (favor), vergonha, desvergonha (impudência), piedade (compaixão), indignação, inveja, emulação e indelicadeza (desprezo).

são as bases para o relacionamento entre Deus e a humanidade. Heschel ainda acrescenta que a **Bíblia** não revela a essência de Deus, mas sua vontade:

O pathos divino não é concebido como atributo essencial de Deus, como algo objetivo, como uma finalidade que confronta o homem, mas como expressão da vontade de Deus; é uma realidade mais funcional do que substancial; não é um atributo, uma qualidade inalterável ou um conteúdo absoluto do Ser divino, mas sim uma situação ou a implicação pessoal em Seus atos (HESCHEL, 1973b, p. 132).

Segundo Baccharini (2002) o *pathos* é um ato racional, que dá imediatamente as coordenadas da abordagem de Deus em termos de atividade. Tal encontro com Deus jamais pode ser relegado à neutralidade do conhecimento teórico, mas é sempre um envolvimento do eterno e temporal, do metafísico e histórico, do significado e do mistério, ou seja, Deus está pessoalmente envolvido na situação humana.

Não há dicotomia entre pathos e ethos, entre motivo e norma. Eles não existem juntos, em oposição; eles implicam e se pressupõem um ao outro. O pathos de Deus é ético, pois Ele é a fonte da justiça, e Seu ethos é cheio de pathos porque Deus é absolutamente pessoal, carente de algo impessoal. O pathos, então, não é uma atitude tomada arbitrariamente. A sua lei interna é a lei moral; o ethos é inerente ao pathos. Deus se preocupa com o mundo e compartilha seu destino (HESCHEL, 1973b, p. 122).

Portanto, como foi mencionado anteriormente, o *pathos* seria o cerne do pensamento hescheliano e muito dele se tem explorado, mas um dado que merece atenção é que muito têm se esquecido da importante contribuição de Heschel para a releitura em torno do tema da piedade²³, desfazendo mal-entendidos conceituais e ressaltando seu valor para a filosofia, teologia e ciências da religião. Destacamos que tal conceito pode aclarar a reflexão tanto sobre os profetas como sobre o ser humano.

Outro ponto que merece ser destacado é o misticismo hescheliano, pois através dele Heschel enxerga em cada página da **Bíblia** os gritos agressivos de Deus em busca de reconhecimento desse *pathos* divino. O Deus concebido na filosofia de Heschel não é, definitivamente, o Deus dos filósofos gregos. Não é um Deus abstrato, autossuficiente e muito menos um Deus que representa uma perfeição absoluta. Para Heschel o Deus da Filosofia grega não se importaria com a condição moral, social e

²³ Para Heschel “a piedade é uma resposta, o correlato subjetivo de uma condição objetiva, e consciência de viver dentro da dimensão sagrada, a compreensão de que o que começa como experiência no homem transcende a esfera humana, transformando-se num fato objeto fora dele mesmo” (HESCHEL, 1974, p. 244).

espiritual do ser humano. O Deus dos profetas pensado por Heschel, se preocupa, se emociona e se envolve com o mundano.

A simpatia é, portanto, a resposta do profeta – logo, também do ser humano – ao *pathos* divino. A piedade, nas obras de Heschel, é a resposta imediata do ser humano ao transcendente. Um *ethos* e um *logos* são inerentes ao *pathos* nessa relação Deus-humano, sendo a simpatia e a piedade modos de viver, que salvam a humanidade e orientam para a santidade. Heschel define simpatia como:

[...] um estado no qual uma pessoa está aberta à presença de outra. É um sentimento que sente o sentimento diante do qual reage: o oposto à solidão emocional. Na profecia simpática o homem está aberto à presença e a emoção do Sujeito transcendente. Leva em si mesmo a consciência do que está sucedendo a Deus (HESCHEL, 1973c, p. 13).

A simpatia²⁴ é o modo como o profeta responde à situação divina experimentada. Segundo Heschel, a simpatia é em geral uma atitude de abertura e recepção à presença do outro. Diferentemente do *pathos*, que corresponde no ser humano a um deixar-se tomar pela emoção do outro, na simpatia não se é tomado pela emoção do outro, mas se é solidário com a situação dele. É mais que empatia, que denota viver a situação de outra pessoa, “simpatia significa viver com outra pessoa. A característica única de simpatia religiosa não é a autoconquista, e sim a autodedicação; não é suprir a emoção, e sim dirigi-la novamente” (HESCHEL, 1973b, p. 12).

Portanto, o *pathos*, entendido com ponte que põe fim a separação entre o homem e Deus, e a simpatia, são elementos realidades que acontecem na experiência religiosa que antecedem a tomada de atitude. Os profetas são, assim, os experts nesse ínterim, símbolos de humanidade e da vivência desse *pathos* entendido por Heschel.

4.2 O PENSAMENTO SITUACIONAL DOS PROFETAS HEBREUS E O ATIVISMO DE HESCHEL

²⁴ A simpatia é um conceito-chave para se compreender o *pathos* hescheliano, que tem entonação única frente ao *pathos* kierkegaardiano. Um sentimento não é uma simples norma relacional, é um ato.

Os profetas bíblicos foram em Heschel modelos de sensibilidade humana e religiosa que perpassaram em suas obras. Em vários de seus escritos e pronunciamentos a referência aos profetas hebreus são recorrentes. Desde sua tese *Die Prophetie* (1936) a profecia e a revelação bíblica são temas centrais em sua reflexão. Esse mesmo tema Heschel retoma em seus escritos maduros nos EUA, na década de 1950, como também em obras menores, inspirando-o para atuação em seus ensaios políticos e sociais.

Nos anos 1960, utilizando a imagem dos profetas, organiza e participa de vários movimentos sociais e políticos. Em seu tempo, presenciou um clima de reificação da pessoa humana²⁵ através da onda crescente das guerras nucleares, do nazismo e das tecnologias que acabaram por marcar a desumanização da humanidade. Em diversos momentos, o ativista Heschel lança críticas contra esse processo de reificação geral, então a figura dos profetas hebreus aparece como um exemplo de profundidade humana.

Nessa mesma época, tendo ainda a imagem dos profetas como inspiração, Heschel participa ativamente de diversos movimentos políticos de crítica e reivindicação social. Destaca-se no movimento contra a Guerra do Vietnã e do diálogo inter-religioso. Em ambos os momentos se destaca sua crítica ao moderno processo de desumanização. A figura dos profetas hebreus aparece aqui como modelo de dignidade e sacralidade humana, e seu exemplo deu-lhe o alicerce para construir um discurso no qual criticava os valores invertidos da atual civilização.

Para Heschel os profetas são aqueles que encarnaram a experiência da revelação, da qual a **Bíblia** é uma *midrash*²⁶. Mas o que seriam os profetas? Susannah Heschel, filha única do filósofo Heschel, sobre os profetas na concepção de seu pai, descreve:

O que significa ser um profeta? Nós convencionalmente pensamos nos profetas como pessoas que preveem o futuro, mas o entendimento do meu pai sobre os profetas hebreus da Bíblia é totalmente diferente. “O profeta é de qual forma do homem?” ele pergunta. Uma pessoa de paixão e agonia, cujas “vida e alma estão em jogo de acordo com o que diz”. Quem ouve nosso

²⁵ De acordo com Marx (1996), a reificação das pessoas se constitui pelo fato de as mesmas se objetivarem nas mercadorias produzidas por elas, mas em uma relação dada entre coisas. Em outras palavras, quando o ser humano perde a capacidade de se subjetivar em seu trabalho, a sua objetivação ocorre de maneira alienada (MARX, 2002).

²⁶ Conforme o Dicionário Bíblico Strong (2002, p. 536), essa palavra significa estudo, exposição, comentário, relato, estória ou escrito de natureza didática. No contexto da frase acima, quer dizer que a Bíblia seria uma tentativa de exprimir o inefável apresentado pelos profetas perante a revelação.

desespero? Meu pai escreve que a palavra do profeta é “um grito na noite”, um grito para estilhaçar nossa indiferença. O profeta grita pelo sofrimento humano, dando voz ao “suspiro silencioso da agonia humana” (HESCHEL, 2021, p. 22, grifo da autora).

Numa descrição sucinta o profeta é uma pessoa que foi chamada por Deus e é essa vocação que o define como tal. Essa experiência brota no meio de um povo também eleito. É no meio desse povo que o profeta entende o sentido de seu chamado, que é basicamente orientar Israel para a fidelidade ao seu Senhor, apelando para a fé e obediência à Aliança estabelecida entre Deus e seu povo (ALONSO SCHOKEL; SICRE DÍAZ, 1988, p. 31).

Lima (2023), apoiando-se em Heschel, vai além ao destacar que o profeta bíblico pode ser considerado uma figura *sui generis* perante outras figuras proféticas extrabíblicas, exatamente porque o *pathos* divino é uma categoria única. Embora algumas religiões possam apresentar alguma divinização do humano ou uma humanização de Deus, no *pathos* não há confusão de naturezas, mas confronto, participação, relação imediata, já que o ser humano é *tzelem* (imagem) e *demuth* (semelhança) de seu Criador. Portanto o profeta bíblico vive sua vida, a vida de Deus e a de seu povo, encarna esse *pathos*, adquirindo com essa experiência uma visão especial da realidade em que está inserido.

Nessa compreensão o profeta se revela de modo dinâmico, já não é mais visto como mero canal momentâneo da mensagem divina. Antes, como vimos, é servo, poeta, pregador, patriota, estadista, crítico social, guardião da moral, testemunha.

O profeta é humano, mas emprega notas de uma oitava demasiadamente alta para nossos ouvidos. Experimenta momentos que desafiam nosso entendimento. Não é nem “um santo cantante”, nem “um poeta moralizador”, mas um assaltante da mente. Frequentemente suas palavras começam a queimar onde a consciência termina (HESCHEL, 1973b, p. 45, grifo do autor).

A partir desse entendimento, podemos enfatizar que a vida do profeta não se reduz à angústia, mas é também alegria, causa de júbilo (Jr 15,16). A grandeza do profeta não está nas ideias que expressou, mas sim nos momentos em que ele experimentou o *pathos* divino. Experimentando o *pathos*, dirá Heschel (1975), o profeta deixa de ser apenas um recipiente passivo, um instrumento registrador, influenciado, sem participação do coração e vontade, pessoa que adquire visão por meio de seu próprio esforço e trabalho, mas se torna um sujeito que se preocupa, interage, se aproxima e busca modificar a realidade a partir de sua simpatia. Ele

conhece a realidade a partir de seu sentimento, intuição e resposta à revelação. Além do sentido do *pathos*, a ação torna o profeta hebreu essa figura *sui generis*.

Nesse acontecimento se destaca a personalidade do profeta, que é mais do que uma unidade de inspiração e experiências, invasão ou resposta. Para cada objeto exterior a ele existe um sentimento interior; para cada evento de revelação que acontece com ele, existe uma reação da parte dele, para cada relance de verdade que ele se permite, existe uma compreensão que ele deve atingir. Mesmo nesses momentos de eventos ele é um participante presente no evento. Sua resposta para o que lhe é revelado faz com que a revelação se torne um diálogo.

Neste sentido, a profecia consiste em uma revelação de Deus e uma correvelação do homem. Nisso a participação do profeta manifesta-se não apenas naquilo que ele é capaz de dar, mas também no que ele é capaz de receber. Mas por que Heschel insiste tanto na figura dos profetas em seus escritos e sua vida?

Devemos salientar que Heschel foi embebido no conhecimento da *Toráh* e dos profetas do Antigo Testamento, o que fez com que fosse impulsionado a pensar e atuar em prol da reconstrução da imagem divina do ser humano. Ao utilizar a mensagem profética ele tem o propósito de criticar em um primeiro momento a civilização ocidental. Ele faz isso, todavia, sem abandonar a filosofia ocidental e objetivando o resgate da dignidade da natureza humana. Em vista disso destaca que:

Os profetas não são demagogos nem “populares”, não buscam o aplauso do sistema, por isso constantemente se veem moralmente inadaptados ao status quo de sua sociedade. Em suma, eles são revolucionários, experts nas relações entre Deus e o povo, encarnando a vida de sua nação e distinguindo-se das demais figuras extáticas, porque não se contentam com o êxtase, mas transverberam a palavra na ação (NOGUEIRA; LIMA, 2022, p. 488, grifo dos autores).

De maneira oposta do pensamento grego, racional e distanciado, a mensagem dos profetas parte da experiência emocional para construir uma sentença em que as situações históricas concretas ocupam lugar e visibilidade. O profeta, segundo a visão hescheliana, apresenta um pensamento pouco interessado em questões metafísicas, por isso “sua linguagem é poética, intuitiva, assistemática, emocional. A aparente histeria do discurso profético, que parece desprovido de racionalidade, é uma forma de dizer que Deus se dirige ao mundo humano na manifestação de um cuidado” (ALMEIDA, 2019, p. 139). Os sentimentos de Deus vão aos poucos se confundindo

com os sentimentos da figura profética, o que não cabe dentro de uma linguagem metafísica ou racionalmente satisfatória.

Baccarini (2002) ressalta que essa abordagem profética é algo completamente original, dado que a dedicação de Heschel ao sondar sua consciência permitiu contemplar uma terra que, até então, nos era desconhecida. Esse destaque à figura dos profetas que Heschel nos apresenta não é nada distante ou desconhecido de nós. Sabemos que a figura dos profetas perpassou a diversas culturas, desde a antiguidade à modernidade, é claro que assumindo características específicas para cada momento, mas não perdendo de vista seu ideal de inspiração.

Podemos aqui comparar o profetismo de Heschel como um novo tipo de profetismo, não um vindo da corte, mas um tipo crítico da sociedade e de seu tempo. Recordamos aqui profetas como Amós, Oseias, Miquéias, Isaías, Ezequiel e Jeremias que foram descritos como opositores ao sistema político e religioso e que condenaram com suas palavras os reis, sacerdotes, as classes ricas, e as práticas injustas à sua volta.

Os estudos de Heschel sobre os profetas são voltados aos membros do movimento profético comparado por ele aos filósofos gregos, tanto pelo impacto na cultura e na civilização ocidental, como pela profundidade de seu pensamento. Ao recorrermos à sua obra *Los Profetas*, na parte intitulada ***Qué clase de hombre es el profeta?***, onde é aplicado às questões características que distinguem os homens bíblicos, dos filósofos gregos, uma característica primordial que o autor destaca é a sensibilidade ao mal. A esse respeito ele escreve algo instigante:

Um estudante de filosofia que vai desde os discursos dos grandes metafísicos às orações dos profetas pode sentir como se você estivesse saindo do reino do sublime para um campo de trivialidades. Em vez de lidar com os problemas eternos do ser e do devir, da matéria e da forma, das definições e demonstrações, deparamo-nos com orações pelas viúvas e pelos órfãos, pela corrupção dos juízes e pelos assuntos do mercado. Em vez de nos mostrar um caminho pelas elegantes mansões da mente, os profetas nos levam às periferias (HESCHEL, 1973a, p. 33).

Conforme Heschel, o filósofo metafísico fala em nome dele mesmo e comenta o grandioso e o eterno. O profeta que fala em nome de Deus dirige-se, por outro lado, ao trivial e ao histórico. O discurso dos profetas é descrito como a irrupção de violentas emoções, isso em razão do profeta ser **um homem que sente de modo feroz**.

O interessante, aponta Heschel, é notar o testemunho profético como uma resposta a Deus. A profecia é para o próprio profeta algo divino e humano ao mesmo tempo. A presença divina, da qual é testemunha, deve ser para sua consciência uma presença viva. E ainda “porque ninguém pode ser um profeta, no sentido bíblico, sem Deus. O encontro com Deus inspira o profeta, que somente dessa forma pode ser conduzido a transmitir sua mensagem” (LEONE, 2002, p. 105).

Heschel salienta que o profeta não é apenas um mensageiro “ele é uma pessoa que está de pé na presença de Deus” (HESCHEL, 1998, p. 17). A experiência profética, diferente da experiência religiosa em geral, não desenvolve uma união mística convencional. O profeta permanece consciente de si em todas as narrativas. Até mesmo dialogar com Deus e emitir opiniões. Deus busca o homem para revelar sua importância, não verdades metafísicas. A importância do homem está em ele ser, de acordo com a profecia, objeto da preocupação divina. Dessa forma a profecia é um consolo e um convite ao homem para que realize sua redenção como parceiro de Deus.

A humanidade encontra-se cada vez mais carente de figuras proféticas que possam despertar a imaginação e fidelidade de nossos homens e mulheres, sobretudo no tocante à voz de Deus e busca de sentido da vida. “A profecia tem cessado; os profetas perduram e somente se pode ignorar-lhes com o risco de nosso próprio desespero” (HESCHEL, 1973a, p. 31, tradução nossa). Por isso, essas figuras bíblicas que iluminaram gerações podem ainda nos dizer algo sobre a natureza humana e a situação do mundo, não estão no passado, dirá Heschel, são nossos contemporâneos.

4.3 HUMANISMO, ÉTICA E CULTURA DE PAZ

O humanismo sagrado é um dos principais legados da obra de Heschel. Sua obra pode ser interpretada como a de um radical humanista religioso, que sempre buscou defender a dignidade humana diante da barbárie vivida em seu tempo. Conforme Heschel, uma religiosidade só pode ser construída em oposição à barbárie.

Ao nos referirmos ao humanismo sagrado em Heschel, conseqüentemente tocamos no que tange a crise da sociedade. Desde o início do século, a crise das

sociedades modernas é tema da crítica filosófica e social. À medida em que a civilização moderna se globaliza, a crise que a caracteriza constantemente vai se tornando uma crise planetária, ou seja, a crise da própria humanidade. Para Heschel, na raiz dessa crise humana no final do século XX está aquilo que alguns pensadores caracterizaram como processo de reificação de pessoas, suas inter-relações e, também, as relações com o mundo em sua volta.

Sobre o humanismo religioso de Heschel, Leone (2002) salienta a centralidade do homem no pensamento judaico. Segundo o próprio Heschel, a afirmação mais importante das Sagradas Escrituras é encontrada nos versículos do primeiro capítulo do **Gênesis** onde descreve o ser humano como sendo formado segundo a imagem de Deus. Para ele, o homem realiza seu potencial em ser a imagem divina por meio de suas ações, tornando-se manifestação da vontade divina. Heschel destaca que existe no homem uma vontade humanizadora transcendente, que quando efetuada pelo homem, torna manifesta através dele a imagem divina. Em sua obra **Deus em busca do homem**, traduzida para o português em 1975, Heschel define o homem como sendo uma **necessidade de Deus**. Sobre tal definição Leone sublinha:

Essa noção, derivada da mística judaica, afirma que Deus necessita do homem para que por meio dele possa realizar na história humana o tikun, isto é, o conserto redentor, pelo qual o homo sapiens por seus próprios atos viria a se humanizar. A humanização, como podemos ver, sendo uma tarefa do próprio homem, é também um ato sagrado. É dessa forma que Heschel interpreta o versículo bíblico, que diz: “Deveis ser santos, como teu Deus é santo” (Lev. 19:2). Este é outro aspecto do ser humano com a dimensão divina em busca e sua auto-humanização (LEONE, 2002, p. 180, grifo do autor).

O humanismo sempre esteve presente em sua vida, tanto nos estudos acadêmicos como nas ações sociais e na mobilização em prol dos direitos civis e humanos. Heschel teve participação ativa no movimento em prol dos direitos civis dos negros norte-americanos ao lado de Martin Luther King Jr. Em 1964, por ocasião das celebrações de cem anos da emancipação política dos escravos, Heschel na presença de King Jr, discursa afirmando:

[...] “uma pessoa não pode ser religiosa e indiferente ao clamor de sofrimento dos outros seres humanos. De fato a tragédia do homem é que grande parte de nossa história é uma história de indiferença, dominada por uma máxima: ‘Acaso sou eu o guarda de meu irmão’”(LEONE, 2002, p. 197, grifo do autor).

Heschel era profundamente inflamado no que se referia a questão negra, segundo ele o compromisso com a fé bíblica revela a lembrança incessante de que “ou Deus é pai de todos os homens, ou de nenhum homem” (FIREMAN, 1990, p. 32 apud LEONE, 2002, p. 197). Como filósofo, seu pensamento buscou responder à desumanização vivida por sua geração. Buscou como homem religioso encontrar uma resposta para construir um judaísmo relevante para pensar as diversas dimensões da crise vivida por seu povo no século XX.

Ora, os profetas são humanos, e a questão sobre a **Bíblia** é questão sobre o mundo. Os profetas simbolizam perante Deus o gênero humano levado à mais alta dignidade de ser imagem e semelhança divinas. Como esse *pathos* está intimamente associado a um *logos* e a um *ethos*, para o povo da **Bíblia** não há separação de fé e vida, de crença e ética.

Como visto, o pensamento judaico tem uma preocupação especial pela natureza humana, ao mesmo tempo, ensina que o ser humano deve se preocupar mais com seus fins que com suas necessidades. Essa também foi uma questão levada a sério por Heschel quando assegura: “francamente o faço em oposição a muitas teorias vigentes na vida acadêmica e na literatura contemporânea dos Estados Unidos e de muitos outros países” (HESCHEL, 2021, p. 98).

Na atualidade há uma exaltação exacerbada para com o ego, tornando os seres humanos de nosso tempo cada vez mais ilhados, figuras esquecidas. Assim, o mundo vai se tornando um lugar frio e escuro quando perdemos o senso de responsabilidade pelo outro e pela criação. Desse modo, o humanismo de Heschel desafia a pôr a ética à frente da ontologia, a defender que é Deus e não a natureza humana a fonte dos valores éticos. A partir de suas fontes judaicas, compreende que o eu ético revela um contraste com o self ontológico demonstrado pela psicologia de seu tempo. É Deus a imagem do homem, ou antes seria o homem a imagem de Deus?

Exaltar a ilusão do ego é não dar atenção ao apelo dos profetas, que constantemente clamam por justiça, misericórdia e compaixão, por isso Heschel resiste aos reducionismos e imperialismos psicológicos para com a natureza humana e fenômenos religiosos. O ser humano é muito mais que generalidades, tem uma originalidade em sua essência, devendo ser acolhido em sua particularidade, portanto, seria a humanidade uma subcategoria do ser?

Essas mesmas compreensões da natureza humana, dos apelos proféticos e da situação emergente de seu século lhe cobravam uma atitude: **a promoção da paz**

individual e sistêmica, conforme notaram Alvin Dueck et al. (2008). Como Isaías, Heschel sonhava o dia em que “estes [povos] quebrarão as suas espadas, transformando-as em relhas, e suas lanças, a fim de fazerem podadeiras. Uma nação não levantará a espada contra outra, e nem se aprenderá mais a fazer guerra” (Is 2,4). Seria tremenda contradição estudar e propagar os profetas hebreus e silenciar perante aquele sistema político e social.

Então o ativista Heschel ficou conhecido entre seus amigos como **profeta do Antigo Testamento**, porque foi uma das vozes mais eloquentes no que diz respeito: a) ao **total repúdio do terror de Auschwitz**, denunciando o nazismo como a autêntica figura de Satanás porque buscou apagar a luz interior do ser humano, banalizando a existência e fazendo perder seu sentido; b) **diálogo inter-religioso**, reconhecendo o potencial e a parcela que as religiões têm para a promoção da paz mundial. Por isso, manteve proximidade com católicos, evangélicos, ortodoxos, muçulmanos etc., sendo um grande destaque do diálogo entre judeus e cristãos – missão que ele denominou **ética religiosa** –. Quando esse diálogo com a Igreja Católica afrouxava à regressão, ou quando Roma insistia na **conversão** dos judeus durante os primórdios do Concílio Vaticano II, afirmava: “Prefiro ir a Auschwitz do que abandonar minha religião” (HESCHEL, 2021, p. 103); c) **contra a guerra do Vietnã e violação dos direitos humanos**, porque acreditava ser um atentado aos direitos fundamentais da pessoa humana, escrevendo diversas vezes ao Presidente dos EUA, John Kennedy, e seu Ministro da Defesa, McNamara, chamando aquela guerra de “obscena” (DUECK et al., 2009, p. 290), e d) **contra a segregação racial na América**: gozando da amizade pessoal do pastor Luther King, marchou pacificamente pelo direito de igualdade dos negros. Sobre um desses eventos em Selma, Alabama, afirmou: “Mesmo sem palavras, nossa marcha foi adoração. Eu senti que minhas pernas oravam” (KIMELMAN, 1985, p. 118).

Heschel, **uma marca arrancada do fogo**, escreveu e atuou na época mais trágica e sombria da história judaica, onde seus correligionários padeciam nas câmaras de gás e trabalhos forçados. Foi considerado uma das vozes mais amadas e respeitadas do judaísmo norte-americano, exatamente numa época em que sua religião nos EUA era taxada de apática e medíocre. “Para Heschel, o momento foi o século XX, uma época cujas tendências analisou como um profeta do Velho Testamento até a América do Norte no meio da correnteza” (TIME MAGAZINE, 1973).

Vemos nessa espiritualidade mística militante um exemplo de conhecimento situacional ou profetismo moderno, vez que se levantou a voz contra a ética governamental, incentivou a participação da religião na luta contra os sinais de morte e em favor do triunfo do espírito, acusou a blasfêmia religiosa e o preconceito, não calou perante a **moralidade** imposta pela guerra, uniu religião e direitos humanos. A exemplo dos profetas hebreus, Heschel obteve uma visão especial da realidade, um sentido mais amplo da história através de sentimentos de compromisso, amor e compaixão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é o momento em que a semente lançada no terreno fértil de uma página em branco transforma-se na tarefa de se estabelecer um desfecho epistêmico, cerca do que fora gestado neste trabalho, após uma trajetória de dois anos de estudo. Assim, o caminho que percorremos nesta pesquisa, desde sua origem nos anseios dos estudos filosóficos e da tentativa constante de compreender o destino da vida e o mundo dos homens.

O presente trabalho intencionou fazer e proporcionar uma leitura do conceito de **Pensamento Situacional** e de justiça nos profetas bíblicos como forma de humanização do homem moderno, a partir da **visão judaica** e do **humanismo hescheliano**. Em um primeiro momento pode parecer estranho uma filosofia da religião do judaísmo ou mesmo uma filosofia da religião num autor de pensamento judaico, pois não é uma filosofia tão conhecida. É indispensável analisarmos as obras de Heschel. Nelas podemos perceber o quanto se faz necessário uma reflexão aberta, madura e questionadora da própria postura religiosa, pois, como vimos, uma fé ingênua pode culminar num fanatismo religioso; e uma fé de cunho puramente racionalista pode demonstrar falta de inteligência, visto que o racionalismo não possui a verdade absoluta do conhecimento humano.

Na seção II foi feito um compêndio geral dos aspectos mais importantes e relevantes da vida e da obra de Abraham Joshua Heschel, desde a formação do pensamento hassídico na Idade Média até os dias atuais, mostrando as influências que esta corrente de caráter místico-espiritualista teve na vida deste pensador, seus anos de dedicação aos estudos acadêmicos e sua relevância para o tempo.

Destarte, este capítulo discorreu sobre a vida de Heschel, bem como das influências que recebeu ao longo de sua vida religiosa e acadêmica, mostrando a importância do hassidismo na estruturação de seu pensamento. Ao iniciar sua carreira estudantil, em uma universidade laica na Alemanha, Heschel começa a participar de um grupo de poesia *Yiddish*, que por sua vez, e a partir daí desenvolveu sua metodologia, a saber: a fenomenológica e situacional, e todos os demais conceitos.

A seção III procurou apresentar as características e aspectos da filosofia hescheliana, buscando conceituar o que o autor nos apresenta como **Pensamento Situacional**. O filósofo nos faz voltar a atenção aos simples momentos vividos, a simples gestos concretos que podem modificar o pensamento individualista moderno,

fazendo percurso, até então não conhecido, no que diz respeito ao mundo interior dos profetas. Por isso é fundamental o **Pensamento Situacional**, esteja em uso quando buscarmos ultrapassar os conceitos ou quando nos sentirmos afetados por uma realidade que nos cobra resposta e presença. Para esse propósito, devemos nos manter sensíveis e abertos ao diálogo e ao compromisso da responsabilidade, permitindo que essa experiência interior manifeste-se em obras.

Na seção IV, foi colocado em diálogo o conceito de *pathos* divino e simpatia, como também, o **Pensamento Situacional** dos profetas hebreus e o ativismo de Heschel e, por fim, temas conexos indispensáveis como humanismo, ética e cultura de paz. O pensador foi um religioso que vivenciou, de maneira profunda o *pathos* divino, tanto que antes de falar sobre algo, aquilo já se fazia realidade na sua vida. Vida esta discernida, que incidiu em um apelo profético e sensível à humanização, o mesmo apelo audível na mensagem dos profetas bíblicos. Percebe-se que o **Pensamento Situacional**, a teologia profunda, a mística do *pathos* divino e o humanismo sagrado impelem constitutivamente a pessoa à sensibilidade humana.

Esta pesquisa não teve a pretensão de encerrar as possibilidades de outras leituras acerca do conceito de **Pensamento Situacional** nem do ativismo dos profetas bíblicos, porém, esperamos que outras questões que ficaram em aberto possam ser retomadas com diálogo abarcando outras áreas do saber científico. Somos continuamente desafiados pelos acontecimentos e, se não estivermos alerta para o que se passa ao nosso redor, podemos não saber dar uma resposta coerente acerca de nossa existência. Enfim, este trabalho contribuiu muito com meu crescimento intelectual e me impulsionou a continuar pesquisando, visando um aprofundamento maior neste tema e no pensador trabalhado.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E. F. de. Abraham J. Heschel e a mística do pathos divino. **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v. 17, n. 52, p. 132-147, 30 abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2019v17n52p132>. Acesso em: 18 out. 2023.
- ALONSO SCHÖKEL, Luis; SICRE DÍAZ, José Luiz. **Profetas I: Isaías, Jeremias**. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1988 (Coleção Grande Comentário Bíblico).
- AMERICAN WAY OF LIFE. Toda matéria, 2023. Disponível em: <https://todamateria.com.br/american-way-of-life>. Acesso em: 18 out. 2023.
- ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Prefácio de Michel Meyer. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BACCARINI, Emilio. O homem e o páthos de Deus In: PENZO, Giorgio ; GIBELLINI, Rosino (Orgs). **Deus na Filosofia do século XX**. 3ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 435-443.
- BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.
- DUECK, Alvin C. et al. **Prophetic words for Psychologists: particularity, ethics and peace**. Pastoral Psychology Magazine, New York, ano 58. n. 3. p. 289-301, 2009.
- BERKOVITS, Eliezer. **Major themes in modern philosophies of Judaism**. New York: Ktav Publishing House, 1974. Disponível em: <https://archive.org/details/majorthemesinmod0000berk/mode/2up>. Acesso em: 21 jun. 2023.
- GUERRA, Danilo Dourado; NOGUEIRA, Emivaldo Silva. A Filosofia da Religião em Abraham Joshua Heschel: a falta de autodiscernimento e o eclipse de Deus na Modernidade. **Teoliterária - Revista de Literaturas e Teologias**, [S. l.], v. 11, n. 24, p. 325–358, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/46375>. Acesso em: 21 jun. 2023.
- HAZAN, Maria da Glória. **Filosofia do Judaísmo em Abraham Joshua Heschel: Consciência Religiosa, Condição Humana e Deus**. 2006. 189 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/1987/1/MARIA%20DA%20GLORIA%20HAZAN.pdf>. Acesso em: 18 out. 2023.
- _____. **Filosofia do Judaísmo em Abraham Joshua Heschel: Consciência Religiosa, Condição Humana e Deus**. São Paulo: Perspectiva, 2008 (Estudos, 250).

GILLMAN, Neil. **The dynamics of prophecy in the writings of Abraham Heschel** In: GLAS, Gerrit et al. *Hearing Visions and Seeing Voices: Psychological Aspects of Biblical Concepts and Personalities*. Dordrecht: Springer, 2007.

HESCHEL, Abraham Joshua. **Deus em Busca do Homem**; Tradução Alberico F. de Souza. São Paulo: Paulinas, 1975.

_____. **O Homem à procura de Deus**; Tradução Alberico F. de Souza. São Paulo: Paulinas, 1974

_____. **O Homem não está só**. Tradução Alberico F. de Souza. Paulinas: São Paulo, 1974.

_____. **O Schabat**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. **O Último dos Profetas**: uma introdução ao pensamento de Abraham Joshua Heschel. São Paulo: Manole, 2002.

_____. **O Último dos Profetas**: uma introdução ao pensamento de A. J. Heschel; 2. ed. Tradução Tereza Tillet. – 2 ed. – São Paulo: Comunidade Shalom, 2021a.

HESCHEL, Susannah. Introdução. In: HESCHEL, Abraham Joshua. **O Último dos Profetas**: uma introdução ao pensamento de A. J. Heschel; 2. ed. Tradução Tereza Tillet. – 2 ed. – São Paulo: Comunidade Shalom, 2021b.

HESCHEL, Abraham Joshua. **Los Profetas**: El hombre y su vocación. Buenos Aires: Paidós, 1973a.

_____. **Los Profetas**: concepciones históricas y teológicas. Buenos Aires: Paidós, 1973b.

_____. **Los Profetas**: simpatía y fenomenología. Buenos Aires. Paidós, 1973c.

INSIGHT. Significados, 2023. Disponível em: <<https://significados.com.br/insight>>. Acesso em: 03 nov. 2023.

KIMELMAN, Reuven. 1985. **Abraham Joshua Heschel**: our generation's teacher. *Cross Current*. Disponível em: <<http://www.crosscurrents.org/heschel.htm>> Acesso em 14 set. 2023.

LEONE, Alexandre G. **A Imagem Divina e o Pó da Terra**: humanismo sagrado e crítica da modernidade em A. J. Heschel. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: FAPESP, 2002.

_____. 1964, **Mística e razão**: dialética no pensamento judaico. – São Paulo: Perspectiva, 2011.

LIMA, Narcélio Ferreira de. **O Pensamento Situacional na obra "Deus em busca do Homem" em diálogo com a razão moderna**. 2013. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Filosofia) - Faculdade Católica de Fortaleza: Fortaleza, 2013.

_____. A experiência religiosa dos profetas bíblicos em Abraham Heschel e sua crítica à visão panpsicológica. 2023. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2023. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/4903>>. Acesso: 18 out. 2023.

_____. **O mundo interior dos profetas bíblicos: Vocação, paixão e ação** – 1. ed. – Curitiba: Brazil Publishing, 2021.

MARTIN LUTHER KING JR. Brasil escola. 2023. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/martin-luther-king.htm>>. Acesso em: 02 de out. 2023.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

NOGUEIRA, Emivaldo Silva. **O conceito de autodiscernimento, à luz dos profetas bíblicos, em confronto com a modernidade: uma visão religiosa em Abraham Joshua Heschel**. 2017. 139 F. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia - GO. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3682>>. Acesso em: 20 set. 2023.

_____. A justiça social no profeta Amós à luz do método de autodiscernimento em Abraham Joshua Heschel. 2020. 317 f. Tese (Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia. Disponível: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/4515>>. Acesso em: 20 set. 2023.

_____; LIMA, Narcélio Ferreira de. O homem está morto: a antropologia de Abraham Joshua Heschel como caminho de humanismo e crítica à modernidade. **Perseitas**, Medellín, v. 10, pp. 471-494, 2022. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/4989/498974421019/html/>>. Acesso em: 20 set. 2023.

NOÉTICA. Wikipedia, 2023. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/No%C3%A9tica>>. Acesso em: 14 nov. 2023.

PATHOS. Dbpedia., 2023. Disponível em: <<https://dbpedia.org/page/Pathos>>. Acesso em: 23 nov. 2023.

SILVA, Antônio Inácio da. **Manual de Iniciação Filosófica**. Belo Horizonte, Edição do Autor, 1971.

STRONG, James. **Dicionário Bíblico Strong: Léxico hebraico, aramaico e grego de Strong**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002 (versão digital).

TIME MAGAZINE. An militant mystic. New York, v. 101, n. 2, Jan. 1973. Disponível em: <<https://time.com/vault/issue/1973-01-08/page/1/>>. Acesso em: 6 Out. 2023.

XAVIER, Antonio Thadeo de Oliveira. Israel, eco de eternidade. **Kairós**. Fortaleza, 2005. Ano II, n.2, p. 284-303.<<https://ojs.catolicadefortaleza.edu.br/index.php/kairos/article/view/323>>. Acesso em: 4 ago. 2023.

ZAMITH, Dom Joaquim de Arruda, O.S.B. Apresentação. In: HESCHEL, Abraham Joshua. **Deus em Busca do Homem**. Tradução Alberico F. de Souza. São Paulo: Paulinas, 1975. p. 5-11.